POESIAS.

POESIAS
DE
THEOTONIO JOZE' XAVIER DA CUNHA.

Mettido tenho a maõ na consciencia,
E naõ digo senaõ verdades puras
Que me dictou a sabia experiencia.
Cam. . .

PORTO:

NA OFFIC. DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,
Anno de 1796.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Vende-se na mesma Officina na rua de S. Miguel, nas Calas N. 260; e na rua das Flores na loja de Livros a esquina da travessa do Ferraz.

Foi taxado este Livro em papel a 250 reis. Meza 7 de Abril de 1796.

Com quatro Rubricas.

S O N E T O.

HUM toma por empreza, o mar cruzando;
Ir vêr o berço onde naſce o dia:
Outro da nobre, e sã Philoſofia
Anda a confuſa pagina indagando:

Eſte vai as Cidades arrazando
Sem vergonha do Ceo com maõ impía;
Aquelle na fragoſa ſerranía
As embrenhadas féras procurando:

Outro em maſmorra fêa, e pavoroſa
Lamenta a liberdade acceſo em ira,
Queixando-ſe da ſorte rigoroſa:

Eu celebro contente ao ſom da Lyra
Com Plectro d'ouro, e voz armonioſa
As raras perfeiçoens da minha Alfira.

SONETO.

ANtes quizera vêr o Lobo irado
No meio das ovelhas, que apaſcento,
Enſanguentando as garras famulento
No meu lindo cordeiro remendado:

Antes quizera vêr o fogo alado
No meu pequeno, e ruſtico apoſento,
De ſorte que tragaſſe n'hum momento
Tudo, que a induſtria tinha fabricado:

Antes quizera vêr com magoa pura
O Fado contra mim féro, e potente
Arrojar tudo quanto he deſventura:

Antes quizera vêr da inveja o dente
Perſeguir-me até meſmo á ſepultura,
Que hum inſtante viver d'Alſira auſente.

SONETO.

EM quanto a linda Alfira neſte prado
Naõ cheguei áviſtar tranquillamente,
Hia entretendo as horas taõ contente,
Que julguei naõ haver melhor eſtado:

Alegre apaſcentava o manſo gado,
A' noite o recolhia diligente,
E neſta vida ſimples, innocente
Paſſava os curtos dias ſocegado:

A's vezes na montanha procurava
A ligeira perdiz, outras no Zéla
As ſalpicadas trutas entralhava;

Porém Amor moſtrou-me Alfira bella;
Rendi-lhe a liberdade, que lograva;
Já naõ cuido no gado, cuido nella.

SONETO.

DEpois, Alfira bella, que o teu rosto
Naõ vejo neste bosque, em fêa luta
Passo os dias, chorando n'huma gruta;
Cercado das imagens do disgosto:

O meu rebanho vaga descomposto
Pela montanha, aonde a féra hirsuta
Ensanguentando nelle, sem disputa,
Vai a garra veloz mesmo a seu gosto.

Olha, meu Bem, que avaro effeito gera
Esta cruel ausencia, amarga, e dura
No peito do Pastor, que te venera;

Ah! volta, vem mostrar-me a face pura;
Porque se tardas mais a dôr altera,
E a Parca me conduz á sepultura.

SONETO.

NAõ tem do Vouga a placida campina
Paſtora taõ formoſa como Alfira;
Nem pelo Orbe todo inteiro gira
Belleza taõ gentil, taõ perigrina;

A ſua linda face alabaſtrina,
Quem a chega áviſtar d'Amor ſuſpira;
Nenhum vivente d'ella os olhos tira
Sem primeiro jurar-lhe paixaõ fina;

Parece que a ſagrada Natureza
Quando formou taõ rara creatura
Dos cofres exaurio toda a belleza:

Mas he pena que tanta formoſura
Tenha para desluſtre deſta empreza
No peito hum coraçaõ de pedra dura.

SONETO.

NAõ podendo ſoffrer a ſaudade;
Que o peito me devora impetuoſa,
A minha Muſa parte fervoroſa
A buſcar-te na triſte ſoledade.

Ah! céde aos ternos rogos d'amizade;
Deixa a margem do Vouga pedragoſa,
Vem gozar neſta ſelva deleitoſa
A candida innocente ſociedade:

Naõ te demores mais, Olindo* amado;
Vem encher a minha alma d'alegria,
Conſolar o meu peito magoado:

Pois ſem a tua amavel companhia
Eu naõ acho recreio neſte prado,
Nem encontro prazer na relva fria.

SO-

* *O Snr. Joaõ Ignacio d'Almeida e Oliveira.*

SONETO.

A Deos, Ninfas do Vouga deleitoſo,
Ficai em ſanta paz, que eu vou-me embora,
Já me naõ ouvireis, como até agora,
Voſſo louvor cantar no boſque umbroſo:

Naõ quer o meu deſtino rigoroſo
Que eu tenha na campina mais demora;
Aqui vos deixo a Lyra altiſonora
No torto galho deſte freixo annoſo:

Alegrias, ficai neſta eſpeſſura
Accompanhando o armonico inſtrumento;
Que eu vou chorar a minha deſventura:

Fique tudo, o que for contentamento,
Pois determina a ſorte avara, e dura,
Que me accompanhe ſó meu ſentimento.

SONETO.

Póde hum rival, do zelo penetrado,
Maquinando traïçoens, urdindo enganos,
Trazer-me vagabundo largos annos
De casal em casal, de prado em prado:

Póde o seu coraçaõ vil, refalsado
Malquistar-me com todos os Serranos,
De sorte que ainda aquelles mais humanos
Me vejaõ com sombrio desagrado:

Póde em fim, realçando mais a ira,
Privar-me a gloria, que me infunde o rosto,
O rosto do meu Bem, da minha Alfira:

Póde... mas nada póde no supposto;
Pois naõ póde evitar, que ao som da Lyra
Seu nome cante com prazer, e gosto.

SO-

SONETO.

HUm dia, que Lereno ſó andava
Por hum ſombrio boſque paſſeando,
Aos carcumidos troncos procurando
Por Alfira gentil, a quem amava,

Eis que vê n'huma nuvem, que baixava
O menino vendado vir chorando,
E nelle os meigos olhos empregando;
Eſtas triſtes palavras lhe expreſſava:

« Chora, chora, mortal, tua agonia;
Porque já mais verás dentro em teus braços
A Paſtora, que amavas noite, e dia;

Pois zombando de meus doirados laços
Com aſpecto cruel, com tyrannia
A' minha viſta os fez em mil pedaços. »

SONETO.

TEnho hum pobre rebanho, q̃ apaſcento
Pelas verdes montanhas ſocegado,
E como nelle emprego o meu cuidado,
Ignoro inteiramente, o que he tormento:

Naõ invejo a fortuna do opulento,
Que de grandezas vive rodeado,
Pois os theſouros tenho neſte prado,
Aonde nunca entrou o fingimento:

Aqui na companhia da ventura
Os dias vou paſſando alegremente,
Sem que tema da ſorte a maõ perjura:

Mil vezes graças dou ao Ceo clemente;
Pois me deixa gozar neſta eſpeſſura
A vida mais feliz mais innocente.

SONETO.

SOprava o vento já com força ingente;
E o turbulento már se encapellava,
Quando a formosa Hero o facho alçava
Na janella da torre ao már patente:

Leandro, que d'Amor a chamma ardente
No archivo do peito lhe ondeava,
Mal que a senha descobre se lançava
Com furia logo á rápida corrente:

Largo tempo venceo como animoso
Seu impeto cruel, tyranno, e féro,
A poder do trabalho rigoroso:

Mas redobrando a ira o Noto austero
O submergio no golfo tormentoso,
Afflicto repetindo o nome d'Hero.

SO-

SONETO.

SObre a ponte do Vouga debruçado
Com a minha Paſtora eſtava hum dia,
Narrando-lhe a paixaõ que me affligia
Eſte miſero peito namorado:

A guerra lhe pintava magoado,
Que o ſeu dívino roſto me fazia:
Mas a perjura a nada reſpondia,
Talvez por duplicar o meu cuidado:

Até que já de todo enfaſtiada
D'ouvir a minha amante narraçaõ,
As coſtas me virou acelarada:

Ah! tyranna, (bradei) hum coraçaõ
Deſprezas onde vives retratada
A pezar déſſa meſma ingratidaõ?

SO-

SONETO.

DEfprezo o gado, ao valle defço, onde
Bufco a falfa Paftora, que me deixa:
Muitas vezes a chamo Aleixa, Aleixa:
E Aleixa, a dura ferra me refponde.

Subo ao alto cuidando que fe efconde;
Mas a Paftora, por negar-fe á queixa,
Dentro na penha concava fe fecha,
E lá de dentro o écco correfponde:

Mais atonito eftou, movo o cajado;
Toco a penha, por vêr fe Aleixa attende;
Porém fruftra-fe todo o meu cuidado:

Dezemgana-fe Amor, porque entende;
Que perfida cruel tem apoftado
Ser penha dura, que a ninguem fe rende.

SO-

SONETO.

SE eu me vira n'hum carcere mettido;
Horrivel, feio, trifte, e pavorofo,
Aonde de injuftiças mil queixofo,
Viveffe de cadêas vís cingido;

Ou fe da cára Patria dividido
Foffe o fertaõ trilhar mais efcabrofo;
Aonde do Leaõ féro, e raivofo
Me viffe a cada inftante accomettido;

Ou fe em pobre baixel fulcando fora
O Reino de Neptuno encapellado,
Que Eolo me atacaffe fem demora:

Nada me déra, em fim, tanto cuidado;
Como, Alfira, me dá viver agora
Do teu divino rofto feparado.

SONETO.

VInte Soes ululei por eſtes prados,
Ah! naõ duvides, naõ, Alſira impía,
Porque a tua perverſa tyrannia
Me fez ſoltar ſuſpiros magoados:

Exclamei contra ti aos Ceos ſagrados;
Que a tanto me obrigou tua falſia,
Mas livre já de tanta aleivoſia,
Reſpiro iſento dos grilhoens pezados:

Eu meſmo, com a propria maõ, ufano,
Por mais naõ aturar tua crueldade,
Ao Templo os fui levar do deſengano;

Agora neſta amena ſoledade,
Eſquecido daquelle Amor tyranno,
De todo vivo entregue á liberdade.

SONETO.

NA mata canta o melro negrijante;
No alqueve a ſaudoſa cotovia,
E o rouxinol na faya mais ſombria
Canta ao ſom da corrente murmurante;

O cordeirinho brinca a todo o inſtante
Apoz da cára mãi na relva fria,
Os Serranos em candida armonia
Zombaõ do iniquo fado variànte;

Produzem-lhe as ceáras louro trigo;
E Semelle lhe dá encantadora
Com abundancia os dons de Baco amigo:

Ah! corre, vem de lá, gentil Paſtora;
Vem gozar os prazeres ſem perigo
Nos livres campos onde habita Flora.

SONETO.

CHegou, Alfira bella, o trifte dia
Do noffo infaufto, e duro apartamento;
Já contra mim virou meu fentimento
A fua devorante bataria.

Os prazeres, a candida alegria,
Batendo as niveas azas, n'hum momento
Se apartáraõ, ficando o meu tormento
Fazendo-me tyranna companhia.

Fica-te em paz, a Deos, meu Bem querido;
Cumpraõ-fe as leis do fado rigorofo,
A pezar do meu peito entrifteсido,

Pois eu me aparto já, porque he forçofo
Vá viver de faudades perfeguido,
Quem já dos teus carinhos foi mimofo.

SONETO.

AO raivoſo furor da Parca dura;
Naõ póde reſiſtir a humanidade,
Porque levando vai com iguáldade,
O Rei, mais o Paſtor á ſepultura.

Triſtezas, magoas, prantos, amargura
Nos difunde eſta falſa Divindade,
O velho encaneſcido, a puberdade
Saõ victima infeliz da fouce eſcura.

Ah! miſeros mortais, que deſcuidados
Do dia inexoravel, (fatal dia)
Viveis no mundo em vicios atolados!

De que ſerve a pompoſa fantaſia,
Se o que hontem dominou altos eſtados
Jaz ſepultado aqui na terra fria.

SO-

Na morte do Illuſtr. Senhor Alexandre da Cunha d'Eſſa e Mello.

SONETO.

ERgueo a Morte a maõ mirrada, e fria,
E no golpe cruel, que executou,
A mais amavel vida lacerou,
Que a natureza deu á luz do dia:

O Vouga neſta hórrida porfia
A humida cabeça levantou,
E pondo a maõ no peito ſuſpirou
Em ſignal do pezar, e d'agonia:

As belliſſimas Ninfas da eſpeſſura
Entregues ao profundo ſentimento,
Notáraõ de ferina a Parca dura;

Outras dando ſuſpiros cento a cento;
Derramaõ ſobre a triſte ſepultura
O producto fiel do ſeu tormento.

SO-

Na morte do meſmo Senhor.

SONETO.

OH tu, que descuidado neste mundo
Passas alegre a vida transitoria,
Sem trazeres ao menos á memoria
Hum instante esse dia taõ profundo;

Tu, q'entregue ao prazer lêdo, e jocundo
Falsas esperanças sempre tens por gloria;
Firmando em baze vã, caduca historia,
Com que intentas fazer-te sem segundo;

Repara hum pouco attento, observarás
Nesta Urna fatal por alto arcano,
Em que pára a vaidade contumaz;

Porém, ah! teme o braço soberano;
Já que taõ vivamente vendo 'stás
A pintura melhor do desengano.

SO-

Na morte do mesmo Senhor.

SONETO.

HUm dia o graõ Tipheu convoca irado
A turba dos informes companheiros,
Para eſcalar os Aſtos derradeiros,
Expulſar Jove donde eſtá ſentado:

Depois de haverem montes arrancado,
O Ceo vaõ commetter aventureiros,
Mas d'improviſo o bando dos Guerreiros
Juſtamente ſe vê desbaratado:

Deſta ſorte Fileno pela terra
Os ſeus iguaes convoca irrutilantes,
Ao meu amavel Jonio fazem guerra:

Porém logo em breviſſimos inſtantes
A pedanteſca turba ſe deſterra,
Porque Jove triunfa dos Gigantes.

SONETO.

A Lyra pendurei altisonante
No tronco desse freixo levantado ;
E nestas serranias affastado
Me queixo do meu fado variante :

Outras vezes confuso , e delirante ;
Os dias gasto apoz do curvo arado ,
Sem que já mais encontre o meu cuidado
Motivos de prazer hum breve instante :

Assim as horas passo , as longas horas ;
Sem gosto , sem prazer , sem alegria ,
Supportando saudades matadoras :

Comigo apura o tempo a furia impía ;
Pois me lançou com suas maõs traidoras
O pezado grilhaõ da tyrannia.

SONETO.

FOge, amavel Paſtora, da Cidade,
Onde roda a traiçaõ perverſa, e dura;
Vem gozar os theſouros que a natura
Nos offrece na verde ſoledade:

Vem viver em goſtoſa ſociedade
C'o prazer no regaço da ventura,
Pois aqui reina a paz, vive a ternura;
As ſantas Leis ſe guardaõ d'amizade:

Verás naſcer alegre o Sol dourado,
Medolar Filomena encantadora,
Prender na rede o peixe prateado;

E até verás tambem, gentil Paſtora;
Das garras da ſaudade libertado
O fiel coraçaõ, de quem te adora.

SONETO.

MInha bella Paſtora, quem diria,
Que o tyranno perverſo, e duro fado
Diſtante do teu roſto delicado
Sem compaixaõ alguma me poria?

Do cume deſta ſerra toſca, e fria
Pelo teu nome em vaõ mil vezes brado,
Outras tantas ſuſpenſo pelo prado
Sou hum vivo retrato d'agonia;

Naõ era aſſim, Paſtora idolatravel,
Naquelle tempo... oh tempo apetecido!
Que a fortuna nos era favoravel:

Tudo mudou o fado deſabrido,
Só exiſte o amor invariavel,
Que te jurei nas Aras de Cupido.

SONETO.

AFflicto gema neſſe Averno eſcuro
Dos Lapitas o Rei mais deſgraçado,
Já que o Templo d'Apolo decantado
A cinzas reduzio com fogo impuro:

Sinta o filho Ixion tormento duro
Na roda das ſerpentes maneatado,
Por ſe haver falſamente aſſás jactado;
Que lograva a mulher de Jove puro:

Triſtes ais dê Fineu no fogo horrendo,
Já que aos filhos tirou o claro lume
Dos olhos, com que o Pai eſtavaõ vendo:

Mas nada diſto chega ao alto cume
Das penas, que minha alma 'ſtá ſoffrendo
Sepultada no inferno do ciume.

SONETO.

VAi, Alfira cruel, Paſtora infida,
Perjura, deshumana, e aleivoſa,
Inda muito mais féra, e rigoroſa,
Que huma Tigre da Hyrcana embravecida;

Conſpira contra a minha triſte vida
Tudo quanto podéres caviloſa,
Té empregar a maõ ſanguinoloſa
No peito, aonde vives eſculpida:

Corra em denegrido borbotaõ
Sobre a verde campina o ſangue quente
Do centro do raſgado coraçaõ;

Q' inda a pezar de dôr taõ vehemente
Mil vezes beijarei aquella maõ,
Que topar neſta ſcena delinquente.

SONETO.

Fugio a ſanta paz, a Deos Cidade.

VEndo a diſcordia vil que naõ podia
De Troya hum triunfo ſó cantar,
Por varias vezes intentou baixar
Ao pavoroſo Reino d'agonia:

Conſeguio finalmente em certo dia
O ſeu temivel ſeio penetrar,
E dentro nelle a guerra foi buſcar,
Que há ſeculos bramindo lá jazia:

Irada já ſeus paſſos vem guiando
Eſta terrivel falſa Divindade,
Furias ſobre os mortaes mil derramando:

Eſcondeo-ſe álegria: que impiedade!
Bateo as niveas azas, foi voando
Fugio a ſanta paz, a Deos Cidade

SO-

SONETO.

A Deos, mimoſa Alcinda, q̃ he chegado
O dia do fatal apartamento,
Em que o fado com vil deſabrimento
Dos teus braços me arranca magoado;

Afflicto, ſaudoſo, e perturbado
Vou lutar com meu duro ſentimento;
Sem eſperar já mais contentamento,
Que aſſim o tem a ſorte decretado:

A Deos volto a dizer, Paſtora linda,
Doce amor, cáro bem, prenda adorada;
Pois a gloria de vêr-te agora finda:

Oh! praza ao Ceo que neſta retirada
Conſerves ſempre illéſa, bella Alcinda;
Dentro no coraçaõ a fé jurada.

SONETO.

COnſeguio, finalmente, a mòrte impia
Com a deſcarnada maõ ſanguinoloſa,
Roubar-nos huma vida preciòſa,
Que era noſſo prazer, noſſa alegria:

Só mágoa nos deixou, ſó agonia
Naſcida da ſaudade rigoroſa,
Pois ſe trocou na ſcena lutuoſa
Em macilenta noite o claro dia:

Mas a pezar da Lei da Parca dura,
Que igual confunde os Sceptros, e os caja-(dos
No ſeio d'huma pobre ſepultura,

Podemos adoçar noſſos cuidados,
Porque Aonio cheio de ventura
Foi habitar nos Orbes eſtrellados.

SO-

Na morte do Illuſtr. Senhor Antonio Leitaõ Rebello Caſtello-branco.

SONETO.

O Regio manto, a véſte do Paſtor,
Tudo paga tributo á Parca dura;
Naõ lhe ſuſpende obraço a formoſura,
Nem lhe modéra a cólera o valor;

O velho, o moço lança com furor
No abyſmo fatal da ſepultura,
Convertendo n'hum cháos d'amargura
Do Pai, e do Amigo o terno amor;

Aſſim d'Aonio meu a morte infida,
Naõ reſpeitando a juvenil idade,
Cortou em flor a delicada vida:

Deſengane-ſe a fragil moçidade;
Já que ouvio neſta ſcena deſabrida
O termendo pergaõ da Eternidade.

SO-

Na morte do meſmo Senhor.

SONETO.

Nutraõ-ſe em nós terniſſimos amores.

AS graças, que os cabellos enaſtravaõ
De Querinthia gentil acaſo hum dia,
Vi na cryſtallina agoa, que corria
D'hum pequeno regato, em que brincavaõ:

Nas douradas madeixas, que ondeavaõ,
O dentado marfim reſplandecia,
E quanto mais o goſto em mim creſcia,
Quanto mais diligentes s'apreſſavaõ:

Eu, entaõ já de todo enlouquecido,
Dando aos ares ſuſpiros voadores,
Exclamei: Ah! tem dó do triſte Alcido!

Se podéraõ teus olhos vencedores
Abrandar o meu peito endurecido,
Nutraõ-ſe em nós terniſſimos amores.

SONETO.

APenas a manhã lá vem raiando,
As estrellas já vaõ perdendo a côr,
Ouve-se pela campina hum tal rumor
Que a todos faz do somno ir despertando;

Cá sôa muito ao longe hũ écco brando,
Cá desce para o valle o Lavrador,
Acolá se levanta o Segador
Para a loira seára os mais guiando;

Lá vaõ duas Serranas pelo outeiro,
E atraz d'ellas Auliro mui sezudo
Tocando brandamente o seu salteiro,

Lá vai Felindo amante apoz de tudo,
Todos vaõ enramados de loureiro,
Eu só 'stou pensativo, triste, e mudo.

SO-

SONETO.

EU paſſo as longas horas ſuſpirando
Nas concavas entranhas dos rochedos,
Porque d'Amor os barbaros enredos
As minhas mágoas vaõ multiplicando:

Aborrecem-me os paſſaros cantando
Pelos galhos dos verdes arvoredos,
Bem livre de lograr inſtantes ledos,
Conſumo as horas com meu mal lutando;

Ah! Paſtora cruel, tua falſia
He o duro motivo, a cauſa urgente
Deſta minha fatal melancolia:

Se o rigor naõ mudéras féro, ingente;
Verás da morte a maõ mirrada, e fria
Cedo a vida cortar d'hum innocente.

SONETO.

PAra cantar da tua gentileza
Desenhar o teu rosto delicado,
Por varias vezes tenho consultado
A sabia providente Natureza.

Porém debalde nesta grande empreza
Tenho, Alfira formosa, trabalhado;
Porque louvor cantar taõ sublimado
Naõ poderá já mais minha rudeza.

O Numen, que reside sobre o monte
Na companhia das Irmãs formosas
Regendo as agoas da Castalia fonte,

Desprende as vozes sempre sonorosas;
Teu doce nome com prazer remonte
Acima das estrellas luminosas.

SONETO.

QUe deſpreze a cruel melancolia;
Que alternativo cante ao ſom da Lyra,
Que naõ gema, nem chore por Alſira,
Joſefino me pede noite, e dia:

Que no puro regaço d'alegria
Goſtoſo viva: (diz acceſo em ira)
Mas com fervor o peito meu ſuſpira,
Cada vez mais envolto n'agonia.

Naõ poſſo reſiſtir-lhe, ſou forçado,
Pois determina o meu fatal deſtino,
Q'eſta Paſtora ſirva deſvelado:

Conheço que ella tem genio ferino;
Porém romper naõ póde hum deſgraçado
As cadêas, que tece o Deos menino.

SO-

SONETO.

DEpois que o grilhaõ duro pendurei,
Qual miſero captivo reſgatado,
Do deshumano Amor, Numen vendado,
Hum inſtante já mais ſó me lembrei:

Os voadores ſuſpiros, que exhalei,
As lagrimas, as penas, o cuidado,
Tudo da mente tenho deſterrado,
Depois que o grilhaõ duro pendurei:

Agora ao ſom da Lyra com ternura,
Olindo, canto a doce liberdade,
Eſquecido d'Alfira avara, e dura:

Vivo goſtoſo, até na ſoledade,
Pois naõ me opprime já com deſventura
O pezado grilhaõ da falſidade.

SONETO.

POuco importa, que o ſórdido Avarento
Afferrolhe nos cofres chapeados
Dez mil dobroens em torno ſarrilhados,
A quem tributa o doce penſamento:
(lento
Pouco importa, que o Heroe polvoro-
Na teſta horrivel d'Eſquadroẽs armados,
Sarracenos Pendoẽs traga arraſtados
A' preſença do Rei, que ſerve attento:

Pouco importa, que ao lado da grandeza
Triunfe o Cortezaõ da ſorte eſcura,
Ignorando os revézes da pobreza;

Se vém depois de tudo a Parca dura
Pegar-lhe pelas maõs com aſpereza,
E levallos á pobre ſepultura.

SO-

SONETO.

DO ſeio dos Avernos pavoroſos
O maldito ciume furibundo
Por ſulfureo canal ſahio ao mundo
Cercado de mil monſtros eſpantoſos.

Apar'ceraõ n'huns boſques eſpinhoſos,
Onde vive o ſilencio mais profundo,
E o torpe capatás do bando immundo
Aſſim fallou com geſtos horroroſos:

« Companheiros fieis, eſſe o terreno
» Aonde vive iſento de queixume
» No regaço da Paz cantando Alfeno, *

» Manda pois de Cithêra o ſanto Nume,
» Que ſoffra por effeitos de veneno
» Dentro no coraçaõ mordaz ciume ».

SO-

* *O Bacharel Domingos Maximiano Torres.*

SONETO.

HA na margem do Vouga hũa Paſtora
De genio meigo, de gentil figura,
A mais completa, e rara formoſura,
Que fez a Natureza creadora.

Nos ſeus olhos Amor ſe condecora;
Na boca de rubí vive a ternura,
E quando move os labios com doçura,
As perolas ſe vem da côr d'Aurora.

Vivos deſejos anhelando correm
Pouſar-lhe ſobre o peito jaſpeado,
Onde as gratas eſp'ranças os ſoccorrem.

Ah! Marilia, tem dó do bando alado,
Affaga-os coutadinhos, ſe naõ morrem
A's ſanguinoſas maõs do deſagrado.

SO-

SONETO.

AQui neſtas algoſas penedias,
Aonde bate o mar encapellado,
Vou nutrindo no peito deſgraçado
Magros zelos, crueis melancolias.

Deſprendo com a dôr lagrimas frias,
Que pulaõ ſobre o roſto deſcorado,
Allivio algum naõ acha o meu cuidado
Nas longas noites, nos extenſos dias.

Alli n'arêa, que amontoa o vento,
Encalhei o batel, e a rede pobre
Ficou ápodrecer no ſalſo argento.

Pouco importa q̃ a magoa exceſſos obre,
Ou a vida me tire o meu tormento,
Se aquelle affago dantes ſe me encobre.

SO-

SONETO.

SOlta a linda madeixa d'ouro fino,
Pallido o roſto, a voz balbuciante
Vagava Dido pelo Paço errante,
Formando queixas contra amor ferino.

Seus clamores ſoavaõ de contino
Nos ouvidos do Povo vacilante,
Mas nada enternecia o ferreo amante,
Que impávido ama as leis do ſeu deſtino.

Até que Dido na fogueira impura
Se arroja com furor accelerado,
Por dar co'a morte fim á deſventura.

A ella corre a irmã com roucos brados,
Porém debalde foi, que a Parca dura
Lhe tinha os triſtes dias já cortados.

SONETO.

PAra abater minha iſençaõ ſevéra
Os olhos de Marfizà Amor invóca,
E no peito gentil da Ninfa tóca
Huma ſetta de ponta aguda, e féra.

Alegre vôa aos boſques de Citéra,
E aś induſtrias da Mãi ſagaz convóca,
Ella o beija nos labios, e o provóca
A entrar na empreza, donde gloria eſpéra.

« Menino, diz a Deoſa experimentada,
» Vai com eſte mortal ferro buido
» Buſcar do Vouga a margem dilatada,

» E onde vires Lereno endurecido
» Cerra os olhos, diſpara a ponta ervada,
» Ouvillo-has ſuſpirar d'Amor ferido ».

SO-

SONETO.

DA minha desventura acompanhado
Entrei n'huma floresta humida, e fria,
Aonde apenas murmurar se ouvia
O Vouga d'hum rochedo pendurado.

Reclino o debil corpo fatigado
No mato agreste, que a montanha cria,
As vélas dando á vaga fantasia
Para nutrir de magoa o meu cuidado.

Eis que ao alto motim d'huma rizada
Levanto os froixos olhos lacrimosos,
Buscando em torno a selva amaranhada,

Vejo a dura Marfiza, Ceos piedosos!
Com o filho de Venus abraçada
Zombando dos meus tristes ais saudosos.

SONETO.

NA ſolitaria praya ſe queixava
Alicišto * infeliz hum certo dia,
E as triſtiſſimas magoas, que dizia,
Pelas boias da rede as entalhava.

A Glaura, que nas ondas ſe banhava
De longe a namorada voz lhe ouvia,
Mas o triſte clamor, que ao Ceo ſubia,
Pelos ferreos ouvidos naõ lhe entrava.

Até que da fadiga já cançado,
Olhando para ella hum pouco attento;
Aſſim fallou em pranto ſuffocado.

« Tu es cauſa, cruel, do meu tormento,
» Mas juro naõ deixar teu roſto amado,
» Em quanto reſpirar hum doce alento. »

SO-

* *O Senhor Manoel Maria du Bocage, Socio d'Academia das Bellas-Letras de Lisboa.*

SONETO.

EMnegrarað-ſe os vaſtos Oriſontes,
E o deſmarcado pezo dos chuveiros
Faz acoutar os ſimples Pegureiros,
Antes que a cheia cubra as curvas pontes.

Correm turvas as borbulhoſas fontes;
Brama o vento no boſque dos ſalgueiros,
E os frageis paſſarinhos liſongeiros
Buſcað as lapas dos grinhoſos montes.

Ah! Marfiza gentil, nað ſaias fora
Da ſingella Palhoça, que te cobre,
Pois tudo cada vez mais s'empiora.

Torne para o curral o gado pobre;
Por que temo da inveja a mað traidora
Se o noſſo puro affecto ſe deſcobre.

SONETO.

MAnda, linda Marfiza, o duro fado
Separar-me de ti, de ti ſaudoſo
Vou n'hum feio deſerto pinhaſcoſo
Viver penando, entregue ao meu cuidado.

Cá levo dentro n'alma eternizado
O mais conſtante amor, mais extremoſo,
Pois naõ pode o voraz tempo raivoſo
As algemas quebrar do Deos vendado.

Os puros ſentimentos de conſtante,
A' viſta da ſuprema Divindade,
Renovo ſobre a Pyra fumegante.

E vós, furias da negra eſcuridade,
Meu peito atormentai continuamente,
S'eu faltar aos ditames da verdade.

SONETO.

AQui, Marfiza, tens meu peito afflicto;
Executa, cruel, os teus rigores,
Com amolados ferros paſſadores
Pune do zelo infame o vaõ delicto.

Pelas brexas fatais neſte conflicto
Entre a morte cercada de pavores,
Severas larvas, carcomidas dores
Tirem co' as magras maõs o leve eſp'rito.

Aos Elizios irá por derradeiro
Vagar a errante ſombra macerada
Entregue ao doce goſto liſongeiro.

Se na teſta da campa deſgraçada
Gravares por piedade eſte letreiro:
= Lereno foi fiel á ſua amada. =

SONETO.

NO tribunal da petulante inveja
Sou condemnado á morte, e o zelo ufano
He o rijo Miniſtro deshumano,
Que a dura pena contra mim dardeja.

Debalde o coraçaõ, Marcia, forceja
Contra o vaſto rancor do monſtro inſano,
O collo lhe ſubmeto, o vil tyranno
O golpe deſcarregue, o ſangue veja.

Mas ah! Ninfa gentil, ſerás taõ dura,
Que neſte horrendo lance deſgraçado,
Te naõ commova a minha deſventura?

Aſſim ſerá, que hum peito refalſado,
Naõ conhece os effeitos da ternura,
Os melindres d'Amor . . mal empregado.

SO-

SONETO.

AH! Marfiza cruel, ah! fementida,
Peito mais duro do que a rócha dura,
Os mimosos combates da ternura
Naõ commovem tu'alma empedernida.

Que te custa, Pastora desabrida,
Compensar minha fé constante, e pura,
Naõ te horrorisa a feia desventura,
Que anda sempre comigo em crua lida?

Olha, vê que he desdouro da belleza
Manter hum coraçaõ falso, aleivoso,
Nos despresos d'Amor só com firmeza.

Mas ah! que o tempo muda, inda ditoso
Talvez que venha a ser na minha empresa,
Que nem sempre o desdem he caprichoso.

SONETO.

LEreno com Alfira hum certo dia
Brincando, as horas com prazer gaſtava,
Ora a face de neve lhe beijava,
Ora ternas finezas lhe dizia.

A Paſtora gentil correſpondia;
Pois em amante fogo ſe abrazava,
Outras vezes no peito deſcançava
Do ſingello Paſtor com alegria.

Por entre os baſtos ramos da eſpeſſura
Traveſſos applaudiaõ mil Amores
Eſtes gratos effeitos da ternura.

Eis que a noite cruel veſtindo horrores,
Com tenebroſa, e feia catadura
Fez apartar os miſeros Paſtores.

O SA-

O SATYRO NAMORADO.

SONETO.

N'Hum bosque de Loureiros fabricado
Onde froixa penetra a luz do dia,
A travêssa Marfiza adormecia
Por dar tréguas ao mundo namorado:

Do seio d'huma gruta accelerado
Bicorneo monstro avido sahia,
E no rosto felpudo se lhe via
O mais vivo sinal d'affeiçoado:

Ao estrépito vil do pé fendido
Recorda a Ninfa cheia de pezares;
E o duro monstro fica surprehendido.

Eis que no meio dos crueis azares
Apparece Lereno enfurecido,
D'amolados farpoens toldando os ares.

SONETO.

ANntes paſſar a vida amargurado
Nos deſertos Certões da Lybia ardente,
Onde a garra incurvada, a féra ingente
Me tingiſſe no ſangue deſgraçado:

Antes em funda gruta afferrolhado
Com triſteza lutar entrecadente,
Onde naõ viſſe mais do Sol luzente
O reſplandor dos homens taõ amado;

Antes ſoffrer amigo cavilloſo,
Que apenas dando as coſtas me peſquize,
Se tenho, ou naõ eſtado venturoſo;

Antes lutar com dor, que me horrorize,
Viver té de mim meſmo duvidoſo,
Antes tudo ſoffrera, que ter Nize.

AOS FELICISSIMOS ANNOS
DA
RAINHA NOSSA SENHORA.

SONETO.

O Tẽpo audaz, q̃ os brõzes naõ reſpeita,
Que morde os Buſtos, q̃ os Coloſſos piza,
Que poem do eſtrago a ultima baliza
Neſta do mundo maquina perfeita:

O tempo, que deſtroça, e que ſujeita
Tudo, quanto na terra ſe analiza,
Que devaſta as montanhas, que horroriza
A meſma Natureza, que deleita:

O tempo, cuja maõ aterradora
He flagello dos miſeros humanos,
Que o meſmo que produz, iſſo devora:

O tempo, que ſó tem por baze os dãnos,
Quebra a fouce talante, humilde adora
Da Inclita MARIA os Regios Annos.

SONETO.

NA doce habitaçaõ desta campina
Aonde reina a paz, mora a ventura,
Só me falta, Marfiza, a formosura
Da tua linda face peregrina:

Aqui por entre a relva pequenina
Vai discorrendo a grata fonte pura,
Alem na branda Faia com ternura
O pardo Roixinol o canto affina:

Os Pastores nos bosques intrincados
Brincando com amavel singelleza,
Triunfaõ das paixoẽs, dos vaõs cuidados;

Porém quanto recreia a Natureza,
A naõ serem teus olhos engraçados,
Me serve de martyrio, e de tristeza.

SO-

SONETO.

GEntil Marfiza, teu divino rosto
Foi milagre da sabia Natureza,
Porque nelle ajuntou com subtileza,
Quanto nos coraçoens inspira gosto:

Por ti o mundo inteiro vive exposto
Acometter d'Amor qualquer empreza;
Vê quanto póde a mága gentileza,
Que o throno tem nas grandes almas posto:

O fogo de teus olhos bulidores
Tem particulas taes, he taõ activo;
Que occulto abraza os pobres amadores:

Ah! naõ penses que fallo sem motivo,
Pois apenas senti os seus ardores,
De liberto passei a ser captivo.

SONETO.

DEpois, Belliza, que me vejo auſente
Deſſe teu lindo roſto anacarado,
Nem já cuido da choça, nem do gado;
Que apaſcentei na relva alegremente:

Triſte, afflicto, confuſo, e deſcontente
Suſpiro pelo monte levantado,
Mas a cauſa cruel do meu cuidado
Já mais hum ſó inſtante allivio ſente:

Parece, que o deſtino rigoroſo
Com denegrida maõ, féra, e raivoſa;
Atiça mais meu mal duro, e penoſo.

Em vaõ lamento a ſorte duvidoſa,
Pois perdi o prazer, ſou deſditoſo,
A vida paſſo triſte, e lagrimoſa.

SONETO.

TYranno Amor, os teu grilhoẽs pezados
Mais naõ quero arraſtar, aqui os deixo
No retorcido galho deſte Freixo
Para exemplo de peitos namorados.

Como ſempre a meus rogos magoados
Moſtraſte hum féro coraçaõ de ſeixo,
Naõ he razaõ, que o pobre triſte Aleixo
Conſagre teus altares vaõs cuidados.

Acabe d'huma vez o vil enredo;
Com que a tua ſagaz actividade
Me fazia gemer tanto em ſegredo.

Que o reſto paſſarei da tenra idade
Brincando á freſca ſombra do arvoredo,
No regaço da ſanta liberdade.

SONETO.

EU quizera, Marfiza, perſuadir-me
Da nova inclinaçaõ, que me tributas,
Porém a variadade, em que labutas,
Faz dos candidos votos eximir-me.

Naõ poſſo em fim, naõ devo ſupprimir-me
Debaixo das prizoẽs d'Amor aſtutas,
Andar c'os mais Serranos em diſputas;
Sentir zelos crueis, e conſumir-me:

Tu es digna de emprego mais ſubido,
De opulento Maioral, d'erguida choça,
Onde naõ entre o Noto deſabrido.

Deixa-me em paz viver neſta palhoça
Co'as minhas alegrias entertido,
Em quanto ma naõ leva a cheia groſſa.

Deſ-

Deſcripçaõ do quarto do Auctor, pedida por huma Senhora.

SONETO.

D'Eſcarros a parede matizada,
Sobre a meza baſtante papel velho;
Noutra parte ſem aço antigo eſpelho;
E hum tinteiro, que ſó vê tinta aguada:

Do tecto immenſa têa pendurada,
Duas cadeiras já ſem apparelho,
Immundice, que dá pelo joelho,
E a pequena janella esburacada.

Quatro Livros Francezes empreſtados;
E hum eſtreito lançol de côr mui preta,
Aonde enroſco os membros deſcarnados.

De mordedoras pulgas tropa infecta
Porçovejos crueis, ratos malvados,
Aqui tendes o quarto d'hum Poeta.

SONETO.

DEpois que a linda Marcia me deixou
Na ſombria extenſaõ deſte montado,
Morreo-me a maior parte do meu gado,
E o felpudo rafeiro ſe danou.

O Sol toda a ſeara me creſtou;
Roubaraõ-me os cortiços do cerrado;
E o colmo da cabana o vento idado
Diſperſo pelos ares o levou.

Hum bando de perverſas deſventuras,
Girando ante meus olhos com preſteza,
Semeiaõ zelos, vaſtas amarguras.

Como poſſo no campo achar belleza,
Se no meio de tantas conjecturas
Apenas vejo imagens de triſteza?

SO-

SONETO.

NO ſeio pavoroſo d'huma gruta
Aonde eſcaſſa chega a luz do dia,
Suſpirando Lereno, deſafia
O ciume voraz a feia luta.

Com deſmedidas forças na diſputa
O terrifero monſtro ſe metia,
E nas quentes entranhas lhe fervia
O Sangue c'o furor, em que labuta.

Rende o triſte Paſtor, e accelerado,
Sem lhe attender ao miſero queixume,
Aſſim fallou, com geſto carregado,

« Tu ſerás deſditoſo por coſtume,
« Pois quem bebe os venenos do vendado,
» Soffre os duros combates do ciume ».

SO-

SONETO.

EU vi hum dia a candida Marfiza
Paſtorando a lanigera manada,
E a ſua linda face alvirroſada
Me pôs d'Amor na ultima baliza.

Vou fallar-lhe, mas ella ſe horroriza
De ouvir a rouca voz mal expreſſada,
Volta-me as coſtas, naõ attende nada
A' dôr acerba, que me penaliza.

Juſto Ceo, exclamei, ſerá poſſivel
Que taõ amavel, doce formoſura
Se moſtre ás minhas queixas inſenſivel?

Porém aſſim ſerá, que a vil prejura
Abriga dentro em ſi Nume terrivel,
Nem ella tem amor, nem eu ventura.

SO-

SONETO.

EM quanto, Jonio, tu na excelſa Corte
Vais entertendo hum dia, e outro dia,
E no puro regaço d'alegria
Doces prazeres gozas ſem tranſporte;

Em quanto, caro amigo, tens pór norte
Da Madama venal a companhia,
Sem do tempo temer a furia impia,
Nem do turbido zelo o agudo corte;

Em quanto nos Theatros, e no jogo,
A pezar dos acaſos da ventura,
Cumpres d'hum vaõ deſejo o ardẽte rogo;

Eu empunhando a Lyra branda, e pura,
Celébro com ſingello deſafogo
A Deoſa tutelar deſta eſpeſſura.

SONETO.

EU as graças cantei da linda Alfira
Reclinado nos braços da ventura,
E os robuſtos Carvalhos da eſpeſſura
Trouxe, qual Anfiaõ, apôs da Lyra.

Os meus écos tocando n'alta eſpira
Suſpenderaõ do tempo a roda impura,
E os monſtros de mais feia catadura
Aplacaraõ d'ouvir-me a crua ira.

De Noto quebrantei a raiva impia,
O terrivel furor exaſperado,
Com que pelas campinas diſcorria.

Hoje neſtas montanhas enfragado
Choro, entregue á voraz melancolia
As duras inconſtancias de meu fado.

MA-

MAGICA D'AMOR.

SONETO.

HUm dia de trifteza arrebatado
Em Gnido confultei Amor tyranno,
Onde a Urna medonha o Deos infano
Me aprefentou com gefto carregado.

Vou nella a maõ meter fobrefaltado,
Eis que huma voz refoa: « Quem profano,
» Sem primeiro temer o mortal damno,
» Se atreve acometter tal attentado? »

Tremebundo fiquei, e o fufto ingente
Fufilar ante os olhos meus contemplo,
Dando á magoa cruel força recente.

D'improvifo fe efconde o fatal templo,
Vejo nos pulfos hum grilhaõ pendente;
Triftes mortaes, que defabrido exemplo!

SONETO.

ESta que vês, Marfiza, flauta bella
Enramada de flores ſem deſvio,
Certo dia, cantando em deſafio,
A Montano ganhei lá junto ao Zella.

Depois da triſte, e infauſta perda della
Geme o Paſtor em aſpero deſvio,
Nas entranhas do boſque mais ſombrio
Accuſa de cruel a ſua eſtrella.

Alli as longas horas vai paſſando;
Do deſgoſto amarrado á vil cadêa,
No miſero ſucceſſo contemplando.

Porém ah! que elle a falta ſó recêa
Do canoro inſtrumento lindo, e brando,
Mas he porque lho tinha dado Althêa.

SONETO.

FUgio do mundo a candida amizade
Sobre as azas ſubtis do brando vento,
E lá no luminoſo Ethereo aſſento
Foi viver co'a ſuprema Divindade.

Eis que do Averno a perfida maldade
Surge, pegada ao torpe fingimento,
Correm buſcar pompoſo acolhimento
No confuſo tumulto da Cidade.

Eſpavorida a ſólida virtude
Dos ſeus Direitos geme deſpojada,
E o capricho venal ao neſcio illude.

Eſpirou entre nós a paz ſagrada,
Deixando neſte lance acerbo, e rude
Toda a terra de ſangue ſalpicada.

SONETO.

NO pé defte Loureiro alto, e robufto
O nome gravei da gentil Marfiza,
Jozino, que ifto vê, pafma, e pefquiza
O fegredo, que occulta o verde arbufto.

Dentro n'alma confufa o frio fufto
Pelo efpelho dos olhos fe deviza,
Huma, duas, tres vezes analiza
O motivo cruel do efcrito injufto.

Ao Ceo, erguendo os olhos pezarofo,
Pede que os dias miferos lhe acabe,
Ou lhe revele o cafo duvidofo.

Eis que ao lado hũa voz fevera, e grave,
Affim lhe diz: « Paftor es defditofo,
» Os fegredos d'Amor ninguem os fabe.

SONETO.

DE te adorar, Marſiza, naõ eſpero
Igual adoraçaõ, que fora offenſa
Fundar na caviloſa recompenſa
O muito, que te eſtimo, e que te quero.

Ou moſtres roſto affavel, ou ſevero,
Aſſim meſmo me cauſa gloria immenſa,
Ora penſa meu bem agora, penſa
Se meu conſtante amor ſerá ſincero?

Que importa que me negues a ventura
Do roſto te beijar, a maõ nevada,
Se aſſim meſmo te adoro com ternura.

Porque a pezar da ſorte deſgraçada,
Os votos levarei á campa eſcura,
Da minha adoraçaõ nunca violada.

SO-

SONETO.

SOnhei, linda Marfiza, que beijava
Teu ſemblante de neve fabricado,
Que via nos teus braços compenſado
Aquelle fino Amor, que me abrazava.

Sonhei que no teu peito enthronizava
A minha pura fé, o meu cuidado,
Que dividir já mais podia o fado
A divina prizaõ, que nos ligava.

Sonhei, q̃ as meigas Ninfas, e os Paſtores
Ao ſom de acorde Lyra marchetada,
Nos cantavaõ reciprocos louvores.

Eis que ao funebre ſom de voz magoada
Acordei laborando em mil horrores,
Só magoas vi depois, naõ vi mais nada.

SO-

SONETO.

AQuelle grande Heroe aventureiro
Celebre gloria da Mancha decantada,
Que aos duros golpes da tremenda eſpada
Horroriſou o mundo todo inteiro.

Arroſta a gruta d'hum Leaõ guerreiro,
Inſultando com voz exaſperada
A gorda fera, que no chaõ deitada,
Gozava do repouſo liſongeiro.

Depois q̃ o monſtro com deſpreſo ouvio
Do famoſo Quixote injurias mil,
A vêr quem era rapido ſahio.

Mas attentando na figura vil
Deu tres voltas, a cauda ſacudio,
Tornou-ſe a recolher para o covil.

Man-

Eronia.

Mandando certo amigo do Auctor convidallo para hum brinquedo campeſtre, elle lhe reſpondeo no ſeguinte

SONETO.

O Lindo, eſtá hum frio exaſperado,
E por ſeguir as leis de bom prudente
O dia paſſarei na cama quente,
Da ſuprema garrafa acompanhado.

Pouco importa q̃ as Ninfas ao montado
Maguſtos vaõ fazer na chamma ardente;
E que em torno do bando alegremente
As applauda quem vive namorado.

Hum membro fui da ſanta ſociedade,
Mas hoje fujo ao viſco da gaiola
Para ſer Prégador da sã verdade.

Embora ſoffre tu a corriola,
Pois eu adoro a ſanta liberdade,
Já naõ como cevada prezo a'rgola.

SONETO.

OS dias passo afflicto suspirando
Nas tortas margens do cerûleo rio,
E os tristissimos ais, que ao Ceo envio
Vaõ pelas cavidades retumbando.

O gado pelos montes vaga errando,
Do pequeno curral posto em desvio,
Aonde a magra fome, o agudo frio
Lhe vaõ os tenros membros lacerando.

Alli naquella penha cavernosa
Cheguei a desfazer com aspereza
A Lyra de marfim armoniosa.

Pois trago taõ diversa natureza,
Que aborrecendo a vida preciosa,
Tudo sem ti me serve de tristeza.

Mandando huma Senhor pedir ao Auctor huma idéa da ſua firmeza, elle lhe remetteo o ſeguinte

SONETO.

EU amei com deſvelo a Nize bella,
Mas vi de Marcia a rara formoſura,
Captivou-me, jurei-lhe com ternura
Sobre as aras d'Amor paixaõ ſingella.

Apenas a Paſtora ſe deſvela,
Os votos quebro, delacero a jura,
Pois de Felinda a magica figura
Entra a fazer feliz a minha eſtrella.

E quando mais goſtoſo preſiſtia
Na poſſe deſte objecto incomparavel,
Eis que vejo de Laura a galhardia.

Deixei logo Felinda reſpeitavel,
Proteſto a Laura a minha idolatria,
Ora vejaõ ſe ha genio mais mudavel.

SO-

SONETO.

PRofundos valles, toſcas penedias,
Habitaçaõ funeſta do ſegredo,
Onde ſempre habitei com ſuſto, e medo
Nas garras das crueis melancolias.

Copados boſques, longas ſerranias
Quebrou a maõ da ſorte o meu degredo;
Pois nem ſempre o venal, barbaro enredo
Triunfa do poder das alegrias.

Vós q̃ acerbas paixoẽs narrar me ouviſtes
Naſcidas d'hum amor cego, e funeſto,
Meus ais magoados, meus ſuſpiros triſtes.

Fechai dentro no ſeio unico reſto
Do tormento infeliz, em que me viſtes;
Naõ ſeja meu delirio manifeſto.

SONETO.

AQui neſta aprazivel ſoledade
Alegre vou paſſando a doce vida,
Sem que a trompa da guerra enfurecida
Me publique o decreto da vaidade.

Naõ temo a feia maõ da vil maldade,
Que traz o mundo inteiro em crua lida,
A minh'alma fiel anda embebida
Da ſanta paz na candida beldade.

Quando o Sol na ſeara a eſpiga creſta
O gado vou levar á fonte fria,
Depois procuro a placida floreſta.

Se chove corro á lapa mais ſombria;
Goſtoſo vivo, porque nada infeſta
A muda habitaçaõ da ſerrania.

SO-

SONETO.

RAſgue-me embora a pallida triſteza
As miſeras entranhas palpitantes ,
E os teimoſos ciumes devorantes
Contra mim ſe conſpirem com fereza ,

Da incerta auſencia a barbara crueza
Faça de Nize as juras vacilantes,
Procure os meios mais eſtravagantes
A ſorte de tentar minha firmeza ;

Ponha-me no deſterro mais profundo ,
Aonde me acomettaõ furioſos
Colerico Leaõ , Drago iracundo :

Que a pezar dos deſtinos duvidoſos ,
Hei de guardar com animo jucundo
De meu amor os votos precioſos.

SONETO.

O Cofre de ſafiras marchetado,
Onde o deſtino tem com avareza,
Por decreto da ſabia Natureza
Os pacificos genios ferrolhado:

Por aviſo de Jupiter ſagrado
Hum dia aberto foi com ſubtileza,
E p'ra conſummaçaõ de certa empreza
A' luz do mundo hum delles foi tirado,

Foi eſte o dia, ó dia venturoſo!
Em que Nize naſceo, Nize formoſa,
Para gloria do Vouga ſaudoſo;

A ella vôa, e Nize gracioſa
O recolheo no peito alvo, e mimoſo,
Apar d'hum'alma juſta, e virtuoſa.

Accuſando certa Senhora o Auctor, porque ſempre fallava no meſmo objecto, elle lhe reſpondeo no ſeguinte

SONETO.

FAlla o Rei na conquiſta dilatada, (te;
Que ao Sceptro unio cõ braço altivo, e for-
E o triſte pertendente pela Corte
Na tyranna injuſtiça executada:

O Mercador na frota empavezada
Falla, q'eſpera do polido Norte;
O outro no rigor da infauſta ſorte,
Que faz a ſua vida deſgraçada:

O miſero Paſtor falla no gado,
De donde os lucros lhe provem maiores;
E o ſingello Cultor no curvo arado:

Fallaõ no barco, e rede os Peſcadores;
Nas memorias da Patria o deſterrado;
Mas eu naõ ſei fallar, ſenaõ d'Amores.

SONETO.

NAsceo Marilia, e Venus encantada
Da sua incomparavel formosura,
Manda os lindos Amores, e a Ternura,
Acalentar a Ninfa delicada.

Criou-se com prazer, gloria extremada;
Animando-lhe as Graças a figura,
Pois os thesouros goza da ventura,
Quem foi pelo Destino bafejada.

Porém ah! tema a pobre humanidade
O terrivel flagello de seus dias,
Pela perda total da liberdade:

Do zelo soffrerá guerras impías;
Movidas pelos olhos da Beldade,
Aonde reina o Deos das tyrannias.

SONETO.

CAmpos da Nazareth affortunados,
Teſtimunhas fieis dos meus amores,
Eu me aparto de vós; pobres Paſtores
Naõ podem reſiſtir ás leis dos Fados.

Nunca do Inverno os ſopros congelados
Creſtem voſſas purpûreas, lindas flores;
Do ignêo Sol os raios criadores
Sobre vós ſempre caiaõ temperados.

E tu, ó verde planta * aſſás copada;
Que os melindres d'hũ peito brãdo, e puro,
Eſcutaſte mil vezes debruçada;

Guarda illeſo no pé roliço, e duro
O nome de Marilia idolatrada,
Para moſtrar ao ſeculo futuro.

* *Allude a hum galante Cedro.*

SONETO.

QUem vive n'hum dezerto pavoroſo,
Sem vêr o lindo bem, que firme adora,
Carcomido ciume lhe devora
As entranhas, o peito diſgoſtoſo.

Vai conſumindo os dias duvidoſo,
Entregue á crua dôr, que naõ minora;
E a perfida ſaudade turbadora
Lhe redobra na cauſa o mal penoſo.

Naõ ſomos nós aſſim, Marfiza bella;
Porque adorando a tudo, quanto vemos,
Eſcapamos do zelo á vil cautela:

Sigamos, doce bem, eſtes extremos,
Verás quanto he ſuave a grata eſtrella,
Eſſa eſtrella feliz, em que naſcemos.

SO-

SONETO.

A Colmada choupana, o manſo gado
Perdi na tenra jovenil idade;
E algum tempo vaguei na ſoledade,
Da minha deſventura acompanhado.

Naõ ſatisfeito ainda o negro Fado
Da ſua deſabrida atrocidade,
Me conduzio á miſera Cidade
De vaſtas eſperanças rodeado:

Alli c'o a turba vil de aduladores
Incenſei os altares da grandeza,
A pezar de cuidados turbadores:
(preza,
Mas como em vaõ ſeguia eſta ardua em-
Deixei a Côrte, e vim entre os Paſtores,
De novo amar a paz, e a ſingelleza.

SO-

SONETO.

DAs entranhas do pégo ſalinoſo
O marino Tritaõ ſaltou hum dia,
E nas creſpas, rugoſas maõs trazia
O buzio, com que atroa o Ceo radioſo:

Depois ſubido n'hum penhaſco algoſo,
Que fica junto á praya humida, e fria,
Por tres vezes chamou com alegria
Lilia, a quem adorava fervoroſo.

Apenas éco ſôa na eſpeſſura,
Sahe a mimoſa Ninfa namorada,
Cheia d'affecto, cheia de brandura.

Só tu naõ ouves minha voz cançada,
Ou he teu coraçaõ de rocha dura,
Ou tu foſte no caucaſo gerada.

SO-

SONETO.

DEpois de ter as rêdes apanhado
Marino, a hum ſalgueiro prende a barca,
E nas humidas prayas deſembarca,
De Saveis, e Taínhas carregado:

Encaminha-ſe á gruta ſocegado,
Que para ſaõ repouſo alegre marca;
Accende o lume, e na fogueira parca
Cozinha o gordo peixe delicado:

Tranquillo come, iſento d'agonia,
Depois, entregue ao ſomno mais profundo,
O reſto paſſa do calmoſo dia.

Acorda: vê o Mar lêdo, e jocundo;
Torna de novo á doce peſcaria,
E zomba dos caprichos deſte mundo.

SO-

SONETO.

A Roſa na manhã do Abril dourado;
Pela candida Aurora borrifada,
Taõ galante naõ he, Marilia amada,
Como teu lindo roſto anacarado:

Quiz dar a Natureza eſpanto ao Fado
Na obra mais mimoſa, e delicada,
E apenas te acabou, fica paſmada,
Pois outra igual a ti naõ tem formado:

O monſtro mais feróz da ſelva Hircana,
De ſanha horrivel, condiçaõ maligna,
Se rende á tua viſta ſoberana.

Pois ſahiſte taõ bella, e peregrina,
Que a naõ dizer-me a fé, q̃ eras humana;
Ah! crê que te adorava por Divina.

SO-

SONETO.

A Prazivel campina, tempo amavel
Alegre apaſcentei aqui meu gado,
Iſenta do mortifero cuidado,
Que os humanos contemplaõ favoravel:

Da caduca fortuna variavel
Naõ cobiçava o Throno marchetado;
Tranquilla ouvia pelo extenſo prado
Do paſſarinho a muſica agradavel:

A' noite conduzia ſocegada
O rebanho fiel, ſó entertida
Na lembrança da choça deſejada.

Mas que vale de Amor fugir á lida,
Se nos braços da meſma Paz ſagrada
Por Lereno me vi d'Amor ferida.

SO-

Fortuna, e Amor já mais os braços unem.

SONETO.

PAra ruina inteira dos humanos
Nasceo Fortuna, e Amor ambos n'hũ dia;
Ambos filhos do Engano, e da Mania,
Que o Destino formou por seus arcanos:

Colocou-os em Thronos soberanos,
E dos Orbes lhes deo a Monarquia,
Onde com solapada hypocresia
Reinaõ soberbos com oppostos damnos:

Seus vassallos mais dignos de equidade
Vaõ premiar; e os votos se dezunem,
Que em dous Numes naõ ha conformidade.

A's vezes a virtude amavel punem;
Como dominaõ com desigualdade,
Fortuna, e Amor já mais os braços unem.

Trifte o peito, a que Amor a fetta aponta.

SONETO.

AMor he dos mortaes flagello horrivel;
Perfeguidor eterno da belleza;
Pois o Throno fundou fobre a dureza,
Para moftrar-fe a' queixas infenfivel.

Seu coraçaõ tyranno, alma terrivel;
Nutrem-fe de gemidos, e crueza;
E os terniffimos ais da fingelleza
Ouve fempre com animo inflexivel.

Disfarçados venenos fuaviza,
Em quanto efcravos os mortaes naõ conta,
Que vencidos em ferros tyranniza.

Aos mefmos Deofes feu poder affronta,
Anniquila, captiva, tala, e piza;
Trifte o peito, a que Amor a fetta aponta.

Sustos, zelos, desgraças Amor cercaõ.

SONETO.

NAs ruinas de Troia, e de Cartago
Contemplo hum pouco, e fico espavorido;
Vendo de Heroes o sangue disparzido,
Reliquias tristes de horroroso estrago.

A' creadora mente a origem trago,
Donde tamanho damno ha procedido;
E só acho, ai de mim, q̃ o Deos de Gnido
Tantas álmas mandou ao fundo lago.

Pobres humanos, pobres desgraçados,
Que o mudavel prazer alegres mercaõ,
A troco de paixoens, e de cuidados.

Mas para q̃ a lembrança d'Amor percaõ,
Amor he Pai funesto dos enfados;
Sustos, zelos, desgraças Amor cercaõ.

Já quebrei as prizoẽs do Deos manhoſo.

SONETO.

INgrata, conheci a aleivozia
De teu barbaro peito; mais naõ quero
Victimas degolar no Altar ſevero,
Onde a Ternura os faxos accendia.

A liberdade já meus paſſos guia;
Naõ tenho Amor; enganos naõ tolero;
Pois no Templo da ſanta Paz venero
A tocha da razaõ, que me alumia.

As algemas fataes, os ferreos laços;
Pendentes ficaõ deſte Freixo idoſo,
Por deſengano dos errados paſſos.

Buſca novo ſectario ferveroſo,
Que eu moſtro livre das prizoẽs os braços,
Já quebrei as prizoens do Deos manhoſo.

ODE

AO EXCELLENT., E REVERENDISSIMO
SENHOR
D. FR. MANOEL DO CENACULO,
Bispo de Béja, Orando.

ODE.

EU naõ canto os Heróes sanguinolentos;
Que dividindo as ondas furiosas,
Tremulantes bandeiras arvoráraõ
Lá onde nasce o dia:

Esses bravos Heróes, que naõ temendo
A descarnada maõ d'Atropos dura,
Rompendo nuvens de farpadas settas,
O Mundo agrilhoáraõ.

Cruze o féro Trajano muito embora
O grande Tigres, o famoso Eufrates,
Babilonios, Chaldêos, Syrios, e Persas
A seu jugo submeta.

Tra-

Traga Ceſar ao alto Capitolio,
Rodeado d'armigeras falanges,
Belicoſas Naçoens ao leve carro
Gemendo maniatadas.

Em batalha naval deſtrua irado
Soberbos Capitães, e ſem piedade
Faça deſcer mil almas d'improviſo
Ao Tartaro medonho.

Canto o Sacro Orador, Divino Interprete,
Que ſubjugando o vicio diſſoluto,
Nos moſtra os claros raios da virtude
Em Mageſtoſo eſtylo.

Eſtas as Armas, o Varaõ he eſte;
Que decantando vou ao ſom da Lyra;
Da Lyra altiſonante, que me deu
O venoſino Horacio.

Ah! s'os triſtes mortaes hoje ſeguiſſem
Os virtuoſos paſſos, que lhe enſinas,
Fugindo á iniquidade, zombariaõ
Do medonho Dragaõ.

O medonho Dragraõ, monſtro ſevero;
Perſeguidor da fraca humanidade,
Goſtoſos pizariaõ, naõ temendo
As dovorantes garras.

A triſte inveja, e a diſcordia triſte;
A riſpida ſoberba, o vil orgulho
Largariaõ por terra os Eſtandartes,
Fugindo da Campanha.

Até que o tempo pela maõ trazendo
A doença cruel, e a Parca dura,
C'o a theſoura fatal hum córte déſſe
No derradeiro fio.

Fugiriaõ do Mundo deſabrido
Sobre as azas das inclitas virtudes;
Para a Patria dos Bemaventurados
Aſſociar c'os Anjos.

ODE

O D E.

QUantos, prezado amigo, as leves horas
Dos frívolos prazeres no regaço
Entretem a pezar da sã virtude,
Que os homens condecora.

Quantos enveſtigando os vaſtos máres,
Sobre as azas dos ventos furioſos,
Vaõ ſubjugar as terras, que pertencem
A outros Senhorios

Quantos juntos á excelſa Mageſtade,
Cavillando o conſelho, os olhos fitaõ
No vergonhoſo intereſſe, aonde fundaõ
As feias eſperanças.

A torpe adulaçaõ brutal, e enorme
Lhe imprime dẽtro n'alma as leis malvadas,
Com que os Povos cançados triſtes gemem
Nas garras da Indigencia.

A pavorofa guerra aos ares folta
Os terriveis pendoens, e o bronze rouco
Retumbando nos montes cavernofos
O mundo dezafia.

N'hum batalhaõ enorme os vicios todos
Contra as bellas virtudes fe confpiraõ;
A candida razaõ, e a probidade
O campo defamparaõ.

Eftes monftros ferozes difcorrendo
De Cidade em Cidade, abolaõ, pizaõ
A mifera innocencia, o fantuario
Vacilla nos feus eixos.

Delirante o commercio fe affugenta;
A'gricultura perde os feus direitos,
Confundem-fe as Sciencias refpeitaveis,
Arrazaõ-fe os Mufeos.

Toda a ordem, que fórma a fociedade
Pervertida fe vê, e a Paz dourada
Forçando as niveas azas, deixa o mundo
Nas trevas confundido.

O homem cavillofo he membro inutil;
Porque arrafta a razaõ, piza a verdade,
Encobrindo c'o véo do engano habil
A perfida mentira.

Naõ confies, Nizeno, em apparencias;
Reja tu' alma a folida verdade,
Qu'effes bens, que a fortuna mal reparte,
Saõ filhos da villeza.

Levante embora o férvido privado
Altos Palacios, reluzentes téctos,
Atropelle no coche fugitivo
O pobre remendado.

Trema d'ouvir-lhe o nome o pertẽdẽte,
A vaidade lhe offereça no regaço
Quantos dons produzio a madre terra
Nas humidas entranhas.

Que o Deftino fatal, volvendo a urna;
Porá por terra a maquina foberba,
Formada pela maõ da iniquidade
No feio do capricho.

Entaõ, entaõ de longe ouvindo o eſtrõdo;
Veremos quanto he bello amar a Patria,
Conſagrar-lhe os talentos, e as fadigas
Com animo ſingello.

ODE

ODE SAFICA.

QUebra, Fileno, as ávidas cadêas
A'vifta ingrata da mudavel féra,
Que faz nas garras da trifteza horrivel
Gemer teu peito.

Olha que o tempo, tragador do mundo,
Enruga as faces da belleza amavel,
Louros cabellos faz tornar em brancos,
Torpes os membros.

O fogo vivo dos divinos olhos
A graça perde, que domina os peitos,
Aonde as fettas d'hum volver mimofo
Brexas abriraõ.

Triftes imagens da velhice curva
Ao lado vôaõ da tyranna Parca,
Nas maõs trazendo com pavor temivel
Tremendo Edicto.

No-

Nocturnas Aves nas cerûleas grimpas
Piando afflictas, o pregáõ alternaõ,
Que a magoa imprime no fatal momento;
Que Jove marca.

Da sã virtude o candido ſemblante
Só brilha illeſo da luzente fouce,
Que as vidas talla, que os Imperios corta
Com fio agudo.

ODE.

O D E.

EM quanto, caro Silvio, * afflicto colhe
Nos dezertos Certoens da India vaſta
O incalçavel ſordido avarento
Brilhante pedraria.

Em quanto o liſongeiro abominavel,
Dobra o corpo ſervil aos pés do Grande,
Anniquilando a ſanta probidade
Com ſimulado géſto.

Em quanto na campanha bellicoſa,
Brãdindo a ferrea eſpada envolta em morte
O collerico Heroe, mil almas manda
A' regiaõ do pranto.

Tu

* *O Doutor Jozé Antonio de Saldanha e Souſa.*

Tu das ſupremas Leis na ambiguidade
O doce tempo gaſtas, quanta gloria
Conſegue a Patria nas emprezas arduas
De taõ amavel filho!

Naõ acurva teus hombros giganteſcos
O deſmarcado pezo das fadigas,
A honra da Naçaõ, o bem do Eſtado
Zelas com peito forte.

Quantas vezes da rabida mentira
O diſſoluto collo tens calcado,
A pezar da calumnia depravada,
Que os creditos devora!

A deſvalida, miſera orfandade
Dos engilhados braços da penuria
Contente ſalvas, ſatisfeita goza
Os mimos d'abundancia.

Profano vulgo, conhecer naõ pódes
A Ethica ſublime da virtude,
Onde eſtriba os Direitos Religioſos
O ſolido heroiſmo.

Naõ.

Naõ se adquire a honra a par do interesse,
Hum animo constante, huma alma grande
Já mais dirige os vôos gloriosos
Ao Throno da cubiça.

Tem por timbre a razaõ, das acçoẽs todas
Analysa primeiro, que decida,
Inflexivel balança lhe regula
As maximas felizes.

Embora o Tempo audáz os brõzes morda,
Engula os Bustos, os Colossos pize,
Que da virtude os dotes luminosos
Duraõ co'a eternidade.

A'

A' MIZADE.

ODE.

DAs malignas paixoẽs o bando enorme
Sahe do tremendo abyſmo peſtilente
Envenenar a Epoca dourada,
Que os homens fez ditoſos.

Apôs ellas a inveja troculenta
De ſerpes mil a' fronte guarnecida,
Com feios ſilvos enveſgando os olhos
Abala o firmamento.

Eis que do ſeio da brutal caverna
O pomo lança a rabida diſcordia,
Nas torpes maõs do mundo vacilante
Patrono das intrigas.

Turbaõ-ſe os ares, o prazer s'eſconde;
Horridos monſtros na campanha eſgrimem
Agudas armas, que da infamia erdaraõ
Baixas, fracas entranhas.

Dos

Dos venenosos golpes rubro sangue
Golfando, pula sobre a terra dura,
Mas apparente véo encobre a chaga,
Que o tempo apenas cura.

Ah! misera Amizade, que dezertos
Vejo teus Templos de fieis devotos,
E os perfumes dos teus altares santos
Dirige hum vaõ capricho.

A lacrymosa, e perfida apparencia
Os trages te roubou, e os membros torpes
Lhe cobrem, a pezar de mil gemidos,
Que os turvos ares cruzaõ.

Muitos de longe a teus altares dobraõ
Os tremulos joelhos, mas no peito
Desabrida tençaõ, vibrando enganos,
Ataca os teus Direitos.

O Mundo adorador de vãs quiméras,
Só a desordem préza, homens infames
Naõ conhecem os dons da singelleza,
O candido socego.

Naõ

Naõ ſomos nós aſſim, amado Filvio, *
Pois apartados do tumulto enorme
Gozamos pelos boſques reclinados
Os fructos d'amizade.

Ao

* *O Padre Antonio Pereira do Eſpirito Santo, intrinſeco Amigo do Author.*

Ao mesmo, inspirando-lhe o Amor das Letras.

O D E.

TYranna hypocresia, horrendo monstro,
Que dentro nas entranhas venenosas
Fumentas mil traiçoens, e o lasso engano
A lingua te menea.

A caterva brutal de vicios torpes
Com apparente mascara de virtude,
Dardeja contra a pobre humanidade
As tristes desventuras.

Tu lhe dictas as frazes simuladas,
E hum sardonico rizo poens nos labios
Da mentira venal, que te acompanha
Nas férvidas contendas.

Renhidas rêxas reinaõ, freme a terra,
E ao rouco som da trompa retrocida
Tremulas Iras, contra a paz dourada,
As armas descarregaõ.

Eis

Eis que no meio do tumulto enorme
A candida Innocencia ſe deſcobre,
Entre algozes crueis de geſtos duros
Co'as roixas maõs em ferros.

Perguntaõ-lhe o motivo, que a conduz
Ao Tribunal iniquo da vingança,
E com tremula voz reſponde: ó Ceos!..
A vil hypocreſia.

Eſta fera, gerada entre a fraqueza;
Com placidos affagos, rizos meigos,
Encobrindo a traiçaõ perverſa, e dura
Me entrega ao cadafalſo.

Ah! Filvio, caro Filvio, vê que exemplo,
A quem vive na triſte ſociedade
Da caviloſa tropa d'inimigos
Da sã Filoſofia.

Hum pedante naõ póde ſer ſingello;
Pois abraça por lei irrevogavel
Quantos vicios lhe dicta a molle enercía;
Alheia da verdade.

Quem

Quem ama as Letras com desvelo ardente,
Tem por base a virtude, os homens ama,
E se o vicio conhece iniquo, e duro,
He só para o desprezo.

Curvado sobre os Livros naõ deseja
O Diadema cingir na magra fronte,
Nem debellar os muros torreados
Dos visinhos Monarchas.

Alli mais ouro tem, que teve Midas;
Energicos paineis, jaspes famosos,
Vestidos recamados, seges, quintas,
Na solida moral.

Embora ceve o rude ambicioso
A vista prespiquáz nos ferreos cofres,
Que o mais leve revez da irada sorte
Lhe arranca as fechaduras.

A leitura porém ensina o homem
A zombar do flagello das paixoens,
A virtude lhe imprime dentro n'alma
O zelo d'amizade.

O Sabio, quando ſahe do alvergue pobre,
Leva todos os bens, ſem levar nada,
Naõ teme do rapina a maõ aſtuta,
Alfanges naõ recêa.

Mas ah! meu caro Filvio, o tempo vôa,
Foge a doce eſtaçaõ da mocidade,
Em quanto a dura inveja o peito fere,
Corramos para os livros.

ODE

ODE.

A Negra Furia, que preſide attenta
Do Baratro aos tremendos Conſiſtorios,
Por entre eſpeſſas, fétidas voragens,
Surgio do Mundo á face.

Trazia á deſtra hum bando taciturno
De horridos mõſtros, em sãguineos ferros;
E aos formidaveis ſilvos, que arrancavaõ,
A terra eſtremecia.

Os carrancudos filhos da Triſteza;
Em torno deſtes, inſtigavaõ fortes
Os vigilantes férvidos cuidados,
Que o Erebo gerára.

Movendo os tortos pés tacitamente
Mil opácas cavernas eſquadrinhaõ,
Domicilio das aves agoureiras,
Amantes do ſilencio.

Eu, que do zelo nas pungentes unhas
Errava o denſo boſque, á luz vedado,
Eis olho, e vejo a tropa macilenta,
Cerca-me o debil vulto.

Supplico-lhe piedade, e a furia brava
Manda quebrar os ferros, que ſubgigaõ
Os notivagos monſtros devorantes;
E aſſim, aſſim lhes falla.

« Por Decreto dos Numes vingadores
„ Sahiſteis da Tartaria Monarquia,
„ Tendes preſente a victima funeſta;
„ A cólera dos zelos.

„ Rabidas ancias, dardejai ſobre ella;
„ Hum alito viſcoſo, e peſtilente,
„ Roedoras ſuſpeitas lhe conſumaõ
„ Os dias deſgraçados.

„ Os Edictos os Deoſes naõ revogaõ;
„ Quem atrevido vôa, humilde caia,
„ Pague nos braços do fatal deſprezo
Idéas mal fundadas.

Diſ-

Diſſe o Monſtro feróz : e a vil Cohorte
Cravando-me no peito as ferreas garras,
Eſpadanou o ſangue delinquente
A' viſta de Marilia.

ODES I.

LA' junto ás margens do Zella
Vi huma Serrana bella,
Que atraz do gado,
Que apaſcentava,
Do Deos d'Amor
Queixas formava.

E na voz que deſprendia;
Eſta expreſſaõ proferia:
" Ditoſo tempo,
" Ditoſa idade,
" Em que eu gozava
" Da liberdade.

" Mas roubou-me o Numen cego
" Com ella o doce ſocego,
" Agora errando,
" Todo eſte prado,
" D'amargo pranto
" Tenho regado.

Ah!

„ Ah! fugi, Ninfas amadas,
„ D'Amor ás crueis ſiladas:
„ Vivei illeſas
„ Dos ſeus farpoens,
„ Que elle he verdugo
„ Dos coraçoens. “

ODE II.

TEu roſto, Paſtora linda,
Como d'antes amo ainda,
Inda a conſtancia
Conſervo illeſa,
Que te jurei
Na Pyra acceſa.

Porque o tempo inimigo
Naõ póde tanto comigo:
Embora apure
Sua traiçaõ,
Porque naõ muda
Meu coraçaõ.

Hum

Hum peito que ſabe amar;
Naõ póde o tempo mudar;
Pois ſem que tema
A fouce dura,
Os votos guarda
Na ſepultura.

ODE III.

DEbaixo d'hum freixo
Muſgoſo, e copado
A' ſombra ſentado
Eu vi a Lereno.

Trazia pendente
A placida Lyra,
Aonde d'Alfira
O nome ſoava.

Eis que de repente
Os ares ſilvando,
Amor revoando
A elle ſe chega.

Paſtor

Paſtor deſgraçado,
(O Numen dizia)
Chora a tyrannia
Do tempo voráz:

Aquella Paſtora,
Que amavas fiel,
Quebrou infiel
As minhas prizoens:

As juras que fez,
Nas tímidas Aras,
Com vozes amaras,
Cruel profanou.

Agora a Montano
Com dura traiçaõ
O vil coraçaõ
Perjura entregou.

Amor ſoluçando
As azas bateu,
E o triſte gemeu
Com ancias mortaes.

Eu

Em pé ſe levanta ;
E com brava ira
Armonica Lyra
No tronco desfez ;

E logo co'plectro
N'hum lizo ſalgueiro
Gravou hum letreiro ;
Que aſſim expreſſava.

« Ninguem ſe confie
» Já mais nas Paſtoras,
» Porque todas ellas
» Saõ falſas traidoras » .

ODE IV.

A' Porta ſentada
Da pobre cabana,
Alfira Serrana
Com outras brincava ;

Do triste Lereno,
Que a seus pés gemia,
Zombando se ria
Da sua fraqueza:

Até que o Vendado
Com cólera intensa
N'huma nuvem densa
Ante ella apparece:

O arco prepara,
E a corda atezando,
No ar vai silvando
A setta veloz:

Da linda Pastora
No peito a cravou,
A qual suspirou
Pela rota ferida;

E logo batendo
As azas velozes,
Com lúgubres vozes
Assim expressava:

" Aquel-

„ Aquelle mortal,
„ Que amando isençoens,
„ A's minhas prizoens
„ Quizer resistir,

„ Protesto que sinta
„ O fogo d'Amor,
„ Pois tenho a favor
„ Alsira gentil „.

ODE V.

NAs frígidas noites
Do Inverno pezado
As horas consumo
Ao fogo sentado.

Da serra lhe bebo
Vermelhos licôres,
E peço a Lieu
Ardentes furores:

Mas

Mas quando a botelha
Eſtou eſgotando,
As graças, os rizos
Diviſo n'hum bando,

Que alegres em torno,
Formando Chorêas,
Eſpalhaõ as magoas
Das minhas idéas:

Entaõ d'improviſo,
Sem me demorar,
A Lyra tempero
Começo a cantar,

Pois como diſcorre
A vêa fecunda,
Que ás vezes de partos
Taõ froixos abunda.

Da minha Paſtora
Celebro os louvores;
Zombando da inveja
De certos Paſtores:

Seũs

Seus longos cabellos,
Das almas prizoens,
Objectos saõ dignos
Das minhas Cançoens;

Os olhos travessos,
O peito alcorvino,
Do meu louvor saõ
Assumpto divino,

Que em tudo he galante
Alfira formosa;
Assim naõ tivera
Condiçaõ zelosa.

ODE VI.

NAõ tenho lavouras,
Nem quintas, nem gados,
Nem tenho montados
A' roda do Vouga;

Naõ

Naõ tenho de meu
Nem huma choupana;
Alhêa cabana
O frio me tolhe;

Malhados novilhos
No monte apaſcento,
E neſte tormento
O tempo entertenho.;

Porém com a taça
De vinho eſpumoſo
O dia ditoſo
De teus annos brindo.

Alfira, recebe
Com doce vontade;
A ſimplicidade
Da minha lembrança.

ODE VII.

A Hum vergel,
Onde a belleza
Se vê patente
Da natureza,

A linda Alfira
Chegou hum dia
Acompanhada
Da dôr impía,

Sentou-se junto
De hum rouxo Lyrio,
Por dar sinaes
De seu martyrio;

E logo alsando
A voz sentida,
Mostrou que estava
D'Amor ferida.

Hu-

Huma avesinha,
Com dôr de ouvilla;
Fez diligencias
Por divertilla;

E de tal sorte
A enterneceu,
Que sobre o braço
Adormeceu:

Porém Lereno,
Que occulto estava;
Direito a ella
Se encaminhava:

C'os olhos fitos
No rosto amado,
Da maõ lhe tira
Logo o cajado;

E sobre elle
(Em fraze breve)
« Lereno te ama »
Tremulo escreve.

Ao pé lho deixa,
E com temores
Se eſconde aſtuto
Entre humas flores.

Acorda Alfira,
E para hum lado
Vê ſobre a relva
Eſtar o cajado:

Vai a pegar-lhe
Com ar ligeiro,
E mal deſcobre
Nelle o letreiro

Confuſa indaga
Co'a viſta o prado,
Porém naõ vendo
Paſtor, nem gado,

Suſpenſa hum pouco,
A letra admira,
Aqual goſtoſa
Beija, e ſuſpira.

ODE

ODE VIII.

EU triunfava
Livre d'Amor,
Nada temia
Seu paſſador.

Dos mais amantes
Eſcarnecia,
Quando ſuſpiros
Soltar lhe ouvia.

Tinha o ſocego
Na ſoledade,
Goſtoſo amavà
A liberdade.

Atraz do gado;
Livre de queixas,
Naõ repetia
Triſtes endeixas.

Mas hoje, que amo
Alfira ingrata,
Que por ſer firme
Taõ mal me trata;

Formo queixumes
Ao Ceo ſereno,
Em qualquer parte
Afflicto peno:

Mas a perjura
Tem tal rigor,
Que nada ſente
A minha dôr:

Antes por vêr-me
Andar penando,
A cauſa della
Vai augmentando.

Os meus carinhos;
Minhas finezas
Me recompenſa
Com aſperezas;

Ah!

Ah! fementida ,
Peito inhumano ,
Que mais farias
A hum tyranno ?

O D E IX.

PEnſas , Montano ,
Que ſó deſejo
Arar os campos
Do fulvo Tejo ?

Ou que appeteço
Altas privanças ,
Onde me nutraõ
Vãs eſperanças ?

Ou que appeteço ,
Vencendo azares ,
Ir vêr eſtranhos ,
Occultos mares ?

Ou que appeteço
O metal puro,
Que a terra guarda
No ſeio eſcuro?

Pois naõ, Montano;
Outra ventura
A minha idéa
Gozar procura;

Dezejo ao lado
Da linda Alſira,
Libando as taças,
Pulſar a Lyra.

Eſta a ventura
He, que appeteço;
Que outra no mundo
Naõ reconheço.

ODE

ODE X.

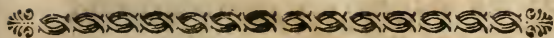
MImoſa Alſira,
Tem piedade
De quem padece
Voraz ſaudade.

Ouve piedoſa
Os meus gemidos;
Ah! naõ lhe negues
Gratos ouvidos.

Naõ me deſprezes,
Vê que a ternura
He companheira
D'huma alma pura.

Eu bem conheço
Que és conſtrangida,
Mas neſte lance
Me expoens a vida.

Pon-

Pondera bem
Que hum terno amor
Naõ o conſerva
Qualquer Paſtor.

A' MOR-

A' MORTE DE NIZE

ECLOGA.

LERENO, E AGRARIO.

PEla encosta d'hum monte solitario,
Cujas grenhas o placido Mondego
Retrata nas diafanas correntes,
Caminhava Lereno após o gado,
Mas taõ confuso, afflicto, e descontente
Que no palido rosto se lhe via
O desabrido effeito da tristeza;
Depois parando, aos Astros luminosos
Ergueo os frôxos olhos meios d'agua,
E assim fallou com voz pezada, e debil.
„Como consente o Ceo, como consente
Sobre a face da terra hum pobre humano,
A quem tanto a desgraça vil persegue;
Se huma vez da ventura o lindo rosto
Descubro a meu favor, se glorias tenho,
Volvendo o tempo a roda, a poucos passos
De

De mil magoas me vejo combatido.
Eu tive já cabana levantada,
Tive bois no curral, cabras no monte;
Mas hum raio voraz tragou-ma inteira,
E as féras degolaraõ-me o rebanho,
No maior desamparo desta vida
Alguns tempos vaguei pela montanha;
Mas como era de Jove assim vontade;
Que delle provem tudo neste mundo,
Tudo vi com semblante socegado,
Depois mudando a sorte de figura,
Pelo meio dos candidos amigos
Tornei a ser feliz, como algum dia;
No trafego do campo ameno, e puro,
E o restante do tempo hia entertendo
Na bella educaçaõ dos tenros filhos
De oppulentos Maioraes da nossa aldêa;
Mas ah! tyranno Amor, Amor fingido,
Tu gerastes a magoa, que me opprime,
Tu fostes o motivo »: assim fallava,
Quando Agrario Pastor velho, e prudente
A elle se chegou enternecido.

AGRA-

AGRARIO.

Ah! meu caro Lereno, que piedade
Naõ caufa na minha alma compaffiva
O tormento cruel, que te attribula,
Porém, meu doce amigo, o defconcerto
Com os homens nafceo, tudo he falivel:
Tu viftes, haverá dous, ou tres mezes,
O Rio taõ foberbo, e furiofo,
Que dos marcos fahindo, arrancou fóra
As uteis Oliveiras, que o cercavaõ.
Hoje taõ pobre vai, que humilde beija
Do mais pequeno feixo a liza planta.
Ah! naõ te defconfoles, naõ te afflijas,
Naõ irrites de Jove a Poteftade,
Confola-te co'a módica pobreza,
Naõ queiras oppulencias, vê q̃ as choças
Quanto mais altas faõ, maior a queda.

LERENO.

Oh! quanto, bom Agrario, quanto finto,
Que em tal occafiaõ venhas achar-me,
Pois bufquei efte monte ingreme, e feio
Para chorar meus males, minhas magoas;
Contando ás duras penhas, que me cercaõ.

Naõ

Naõ he por deſprezar tua companha;
Que ſempre me foi grata; os teus cõſelhos
Podem fazer feliz o mundo inteiro.
Aſſim, ſe alguma couſa te mereço,
Retira-te, Paſtor, naõ te acometa
Da minha deſventura a maõ pezada.

AGRARIO.

Pois, amigo fiel, ſe os vís revézes
Do tyranno deſtino alegre viſte,
Se em pobre alhêa choça te albergaſte
Contente, e ſatisfeito, hoje que o tempo
Te concede alguns bens, e a vida reges
Com applauſo de todos no contorno,
Que motivo te obriga a formar queixas
Nos dezertos, fugindo á ſocidade?

LERENO.

Naõ he, Agrario meu, o giro inſano
Das feias deſventuras já paſſadas,
O motivo da magoa, que me opprime,
Pois os bens, que a ventura nos concede;
Subſiſtencia naõ tem, naõ ſaõ conſtantes;
A paixaõ, que me abafa o peito afflicto,
Tem origem maior, he mais ſenſivel;

Po-

Porém como, Paſtor, aqui te achaſte
Ouvirás toda a hiſtoria lamentavel,
Que ſó deſtes rochedos confiava.
Tu ſabes, meu Agrario, e todos ſabem,
Quanto ſempre vivi d'Amor iſento,
Naõ porque aborreceſſe o doce trato
D'huma grata amizade; para amar-ſe
Creou Jove ſupremo a formoſura,
Mas as deſordens, que n'Aldêa via
Naſcidas de ciumes indiſcretos,
Me faziaõ fugir d'aſtutos laços:
Cortejava as Paſtoras na campina,
Frequentava os brinquedos ao Domingo;
Porém com tal cautela, meu Agrario,
Que no peito remorſos naõ ſentia;
Largos tempos paſſei vida folgada,
Na cultura das terras embebido,
Podava as tortas vides a bom tempo;
E os enxertos fazia aos meus veſinhos.
Mas hum dia, oh Ceos! dia funeſto!
Fui á choça de Brás, a quem reſpeito,
Sobre a venda dos bois tomar conſelho;
Com as filhas de Brás huma Paſtora

Vi,

Vi, mais bella, que o Sol, q̃ nos aquenta,
Apenas pôs em mim os meigos olhos,
Hum fogo trepedor ſenti no peito,
E o coraçaõ pular como encantado;
Entaõ comigo diſſe: Ceos piedoſos;
Perdi a liberdade! Indigno jugo
Entrei a ſupportar, o amavel campo
Me entrou áborrecer, a poucos paſſos
Retirei-me dalli taõ penſativo,
Que o meſmo Brás, ſe attento reparaſſe,
No meu roſto veria o meu tranſporte.
Porém como na auſencia a viva chaga
Dobrava os ſeus effeitos, reſolvi-me
A procurar no campo o doce objecto,
A quem tinha cedido a liberdade;
Tu conheces, Paſtor, a bella Nize,
Q'he ſobrinha de Brás, filha d'Anfrizo;
Mil vezes fui ao boſque, á fonte, áldêa,
E como o Pai de Nize he mui zeloſo,
Moderei algum tempo os meus extremos,
Para naõ ſer flagello dos ſeus dias;
Huma tarde, que o Sol creſtava as plantas,
No boſque a vi, das roſas reclinada,

En-

Entregue ao brando ſomno, manſamente
Os paſſos para ella fui movendo,
Comtemplei o ſeu roſto alvo, e mimoſo;
E huma linda grinalda entretecida
De mil diverſas flores, ſobre a fronte
Tremendo lhe cingi, as maõs de neve
Hindo attento beijar-lhe, os lindos olhos
Abre ſobreſaltada, aſſim fallando:
« Como, ó louco Paſtor, como te atreves
'A macular ſem pejo o ſaõ decóro,
Que ſe deve a meu ſexo reſpeitavel?
Eu penſava, Lereno, que a prudencia
Abrigavas no peito, eſte conceito
'A' muito me devias, porém hoje
De todo eſtá perdido »; e levantou-ſe.
Como vi ſeu enfado, enternecido
Principío a fallar deſta maneira:
« Naõ culpes, bella Nize, o meu arrojo,
Teus meigos olhos culpa, delles naſce
Eſte fogo d'Amor, em que m'inflammo:
Vi teu roſto gentil, e alma captiva
Na ſuave prizaõ do meu cuidado,
Nunca mais cultos fiz á liberdade;

E

E tanto adoro o doce captiveiro ;
Que ſe livre me viſſe, morreria.
Já naõ tenho ſocego, amado bem ;
Vago pelas campinas, como louco,
E para ſer maior a magoa interna,
Nem das penhas confio o meu ſegredo.
Ah! faze, bella Nize, venturoſa
Eſta féra paixaõ, que me atormenta.
Naõ te peço finezas repetidas,
Huns longes de piedade, hum rizo meigo
Baſta para liſonja deſte affecto ».
Tal impreſſaõ fizeraõ na ſu'alma,
Na ſu'alma innocente as minhas vozes,
Que aſſim me reſpondeo com ſingelleza:
« Doce, amado Lereno, á muitos tempos,
Que neſte peito encerro a doce calma,
Nàſcida da paixaõ, que Amor fomenta.
O ſerio de teu genio iſento, e livre
Era o bello attractivo deſte affecto.
Huma noite (talvez que te naõ lembres)
Chegaſte ao ſeraõ da noſſa Aldêa,
E de modo te ouveſtes taõ ſingélo,
Que os affectos roubaſte das Paſtoras;

Mas

Mas quando déſte as coſtas á fogueira,
Travou-ſe huma contenda mui renhida
A reſpeito das prendas, que te adornaõ,
E de Filvio Paſtor d'além do Rio;
Apoſtaraõ em fim, veio o Domingo,
Houve arraial, juntaraõ-ſe os mancebos;
Travaraõ-ſe feſtins, entraſtes nelles,
E entre todos levaſte a primazia;
Taõ contente fiquei, meu bom Lereno;
Que mal poſſo expreſſar-to na verdade,
E ou foſſe amor ardente, ou ſimpatia,
Quando as mais cortejavas, no meu peito
O ciume cruel fazia eſtrago,
Porém eſta paixaõ, que me abraſava;
Cobria da modeſtia o véo dobrado,
Naõ tinha occaſioens, e hum Pai zeloſo
Refreava meus candidos deſejos;
Aſſim, Lereno amado, fica certo,
Que te adoro, que ſei fazer apreço
Das bellas qualidades, que te cercaõ;
E em fim, que ſerei tua a todo o cuſto;
Adverte porém, que ſe algum dia
Deſte amor o ſegredo deſcobrires,

Que-

Quebraraõ-se as prizoẽs, rompeu-se a vẽda;
Retirar-me he forçoso, adeos, Lereno,
Pois talvez no casal já faſſa falta;
A' manhã, quando o Sol for apontando;
Lá na fonte m'espera, mas se Altéa
Vier tambem na minha companhia,
Hum pequeno final naõ dês d'amante;
Vê que Altéa vigia nas Paſtoras,
E tudo quanto vê, aos Pais accusa ».
Quiz partir a Paſtora delicada,
Porém eu atalhei seus leves paſſos,
Pegando-lhe na maõ, e aſſim lhe diſſe:
« Lindo Amor, caro bem, amavel Nize;
Mais prézo eſta ventura, que prezára
A poſſe de mil mundos, se os tivera;
Tu me fazes feliz, do teu semblante
Pende a minha alegria, os meus prazeres
Nos teus olhos traveſſos 'ſtaõ fixados;
Ah! sim, formosa Nize, eſta verdade
He mais pura, que a luz, mais innocente,
Do que as lindas pombinhas côr de neve;
Naõ he mais grata ao laſſo caminhante
Pela hora da séſta a clara fonte;

Do

Do que a mim tua face pudibunda. ».
Neſtas doces finezas me occupava,
Quando lá ſobre o cúme da montanha
Soôu d'hum Pegureiro a ſanfonina,
Mas antes que aſſomaſſe, pela encoſta
Caminhou para Aldêa acompanhada
Da tyranna penſaõ dos amadores.
Com a ſua promeſſa, meu Agrario;
Taõ contente fiquei, taõ ſatisfeito;
Qual fica na eſtaçaõ do Eſtio aduſto
O faminto rebanho das ovelhas,
Encontrando no vale herva mimoſa.
Mas como o tempo as horas leva á rôjo;
Fugio o claro Sol, e a noite feia
Aſſomou lá na Esphera, deſdobrando
Sobre a terra feliz o manto eſcuro;
Graſnaraõ pardos mochos, triſte annuncio
Da minha hiſtoria barbara, e terrivel:
Já neſte tempo o gado conduzia
Para o pobre curral mui ſatisfeito;
Que eſta cega paixaõ, d'Amor chamada;
Tapa a luz da razaõ aos mais eſpertos,
Recolhi-me, ciei, deitei-me, e o ſomno

Pouzando ſobre os meus cançados olhos;
A podêr de trabalho foi vencendo;
Porém ah! juſtos Ceos! caſo horroroſo!
Em fim, Agrario meu, naõ tenho forças
Para paſſar daqui; aqui fiquemos
Se naõ queres, que morra ás maõs da pena.

AGRARIO.

Meu amavel Lereno, eu ſou já velho,
Mas ſempre fui ſingélo, a experiencia
Aſſiſte co'a velhice, he ſabia, he douta;
Aſſim, meu bom Paſtor, naõ tenhas pejo,
Refere as tuas magoas, neſta Aldêa
Naõ ha caſo nenhum, que ſe me occulte,
Sou amigo dos homens, meu conſelho
A muitos tem ſervido, ah! naõ duvides.

LERENO.

Sim, meu prezado Agrario, bem conheço
O muito, que te devo, porém temo,
Que te chegue a faltar o ſoffrimento,
Mas como q'ues houvir minha deſgraça;
Principio a narrar-ta, attende, amigo.
Pouco tempo haveria, que ao repouzo
Pagava eſta penſaõ, que a humanidade
Ne-

Negar lhe nunca pôde, ou mais, ou menos,
Quando em dura visaõ, terrivel sonho
Com feia catadura, afflicto, e triste
Nos encovados braços me apertava,
Tremendo forcejei para expulsallo,
Mas em vaõ forcejei, qu'elle afferrado;
Qual a era na faya parecia;
Depois chegando a mim os labios frios
Bafejando-me a face, assim me disse:
« Miseravel Pastor, em vaõ prossegues
» Nos amores de Nize, Nize bella
» Naõ será para ti, que és desgraçado. »
Largou-me o mõstro enorme, e as lõgas azas
Tres vezes sacudio, desfez-se em vento.
De repente acordei, bem como aquelle;
Que em dezerta campina solitario
Vê enlutar o Ceo, zunir o vento,
Rollarem os trovoens, e a luz vermelha
Destroçar os carvalhos corpulentos;
Assim nesta figura hum pouco estive,
Reflectindo no lance pavoroso,
Porém como os amantes nada temem;
Abrí do mèu casal a porta estreita,

Olhei

Olhei para as Eſtrellas, vi q' Aurora
Já entrava a raiar, ſoltei o gado,
Fui pelo valle abaixo caminhando,
Até chegar á fonte cryſtalina:
Já contente na relva branda, e fofa
Sentada, m'eſperava a linda Nize;
E a penas eu chegava junto della,
Rizonha fez ſentar-me, e aſſim me diſſe:
Meu candido Lereno, ah naõ duvides
Dos extremos d'Amor, que te conſagro;
E quando algum remorſo te ficára,
Eſta minha fineza o desfizera,
Neſtes termos, Paſtor, vivo obrigada
A fallar-te a verdade, attento eſcuta;
Haverá vinte Soes, que o grande Jonio
A meu Pai me pedio para Conſorte,
He Paſtor oppulento, e de bom ſangue,
Porém a pezar diſto, me aborrece:
Meu deſejo innocente, alma ſingella,
Só préza os dons da ſimples Natureza;
Aſſim, meu bom Lereno, ſe te agrada,
Procuremos hum meio, meio honrado,
De fallar a meu Pai, que repugnante

Acha-

Acharemos, porém eu te protesto,
Abrandallo com pranto, e com suspiros;
Tudo custa ao principio, mas o tempo
Gasta as iras crueis, os odios piza,
O rio bate os concavos pinhascos
Para o passo alargar, mas encontrando
Soberba resistencia, os passos torce;
Porém s'elle teimar, dentro em meu peito,
De ferro hum coraçaõ ha de achar sempre;
Os laços d'Hymeneo duraõ co'a vida;
O estado ha de ser livre, assim o manda
A suprema razaõ, muitas desordens
Temos visto n'Aldêa por violencias;
E adeos, Lereno meu, em paz te fica,
Que já lá vem rompendo o Sol dourado,
E os Pastores á molle verde relva
Os rebanhos conduzem, se me virem
Comtigo na campina solitaria,
Mil juizos faráõ, será patente
Nosso intrinseco amor, nossa amizade;
A' manhã pela sésta aqui m'espera,
Trataremos o modo de vencermos
Qualquer dificuldade, que se opponha:

Renovou os proteſtos de conſtante;
Tomou o juſto Ceo por teſtemunha;
Mas ah! meu bom Agrario, ah! fado iniquo;
Ah! mudança cruel . . . tudo he falivel.

AGRARIO.

Innocente Paſtor, Paſtor ſingélo,
E penſaſte talvez que ſubſiſtencia
Em peito femenil achar podias?

LERENO.

Naõ profigas, Amigo; Ceos piedoſos,
Ingrata a minha Nize! Naõ, Agrario,
Illeſa a fé guardou, naõ foi traidora;
Mas attende á cathaſtrofe funeſta
Da minha deploravel deſventura:
A' hora, que o meu Bem tinha marcado,
Fui ao ſitio feliz, mas naõ áchando,
Dalli me retirei confuſo, e triſte;
No ſeguinte tornei, fui no terceiro,
Porém debalde fui, ſou deſgraçado. . .

AGRARIO.

Continúa, Paſtor, conta os teus males,
Naõ comprimas a dôr, que as forças dobra,
Se naõ ſe communica a hum bom amigo.

LE-

L E R E N O.

Poucas horas depois, que a minha amada
Dos meus olhos ſe tinha ſeparado,
Hum terrivel contagio peſtilente
Lhe acometteo os membros delicados;
Creſceo em poucas horas a moleſtia,
E a deſabrida Parca . . . Ceos piedoſos!
Cortou em flor ſeus dias innocentes;
Apenas a fatal noticia tive,
Por naõ manchar o credito eſtimavel
Do meu conſtante amor, da minha Nize;
Naõ tirei a mim meſmo a propria vida;
Hũ deſgoſto mortal, dentro em meu peito
Combatendo minha alma atribulada,
Do ſizo me privou, bem como louco
Vago atraz das ovelhas, que apaſcento;
Oh! provéraõ os Deoſes, que huma féra
Me uſurpaſſe eſte alento, que reſpiro,
Ou que as duras montanhas eſcarpadas
Sobre mim os rochedos ſacudiſſem.

A G R A R I O.

Pois morreo do Paſtor Anfrizo a filha!
Morte, morte cruel! que feio inſulto!

Ca-

Caro amigo Lereno, quanto ſinto
A triſte novidade, ha cinco ſoes
Que da Aldêa ſahi, ficava bella;
E agora jaz na triſte ſepultura!
Sim, amavel Paſtor, teu ſentimento
He juſto na verdade, mas tu deves
Medir pela razaõ a dôr ſevéra;
Quem ſe entrega de todo ao ſentimento
Diſcorre com deſordem, tuas mágoas
Naõ a trazem de novo á luz do mundo.

LERENO.

Tudo creio, Paſtor, tudo confeſſo,
Porém, a pezar diſto, eu ſou conſtante;
Hei de amar o meu bem na ſepultura.

AGRARIO.

Mas, amigo, ſe louco preſiſtires
Na deſordem fatal, em que laboras,
Arriſcas facilmente as gratas cinzas
Do teu amavel bem á vil calumnia.

LERENO.

Ah! naõ, Agrario meu, antes morrer
De intrinſecas paixoens, de mil remorſos;
Vamos, vamos A'ldêa, naõ criminem

A

A cauſa deſta dôr, que me conſterna ;
Mas juro aos altos Ceos , aos Deoſes juro ;
Os votos naõ quebrar d'amante firme.

SO-

SONETO.

AQui tendes, mortaes hum desengano
Da paixaõ, que atropella a humanidade,
Pois da morte a ferrenha atrocidade
Nem perdoa no Throno ao Soberano.

Derruba, tala o seu furor insano
Da vasta redondeza a immensidade,
Tendo por base a falsa Divindade
As lagrimas, a dôr, o estrago, o damno.

Amai, homens, a candida virtude,
Seus Templos ferquentai, cheios de gloria,
Onde naõ tem poder o monstro rude.

Deixai pois aos vindouros larga historia,
Que essa féra cruel, que o mundo illude,
Naõ tem poder nos livros da memoria.

ECLOGA.

LERENO, E MELIBEO.

Eſcrevi, naõ por fama, nem por gloria;
De qu'outros verſos ſaõ merecedores,
Mas por moſtrar o mal de meus amores
Aquem nelles de mim teve victoria.
Bernard. Son. 2.

HUm dia o mais ſereno, e ſocegado;
No meio da goſtoſa Primavera,
Pois o campo de flores matizado
Já dava a conhecer o tempo que era;
N'hum ſitio ao claro Tejo bem chegado,
Onde o ardente Sol mais reverbera,
Se aviſtavaõ de ſeccas eſpadanas
Dos ſingelos Paſtores as choupanhas.

Mais ao longe ſe via hum alto monte
De copados Zambujos guarnecido,
Pela encoſta do qual corre huma fonte
Mui abundante de cryſtal luzido,
Ao pé da qual chegando, eſtá defronte
Hum eſtreito caminho aſſás ſeguido,
Que atraveſſando o valle deleitoſo
Vai ter á porta d'hum caſal pompoſo.

Habita nelle rico, e abaſtado;
Sem temer já do mundo ſeus enganos;
O Paſtor Melibeo, Paſtor honrado,
A quem ſciente fez o pezo de annos:
He ſeu conſelho em tudo venerado,
Porque ſerve de exẽplo aos mais humanos,
Tanto em virtude bella, alta, e ſubida,
Como no modo de reger a vida.

Huma tarde, em que o Sol já declinava,
Querendo ſepultar-ſe no Oceâno,
O bom velho Paſtor á porta eſtava,
Aguardando por ſeu amigo Albano:
Mas vendo que elle tanto lhe tardava,
Por naõ ſoffrer d'auſencia o mal tyranno,
A procurallo vai na ſua Herdade,
Que tanto póde a força d'amizade.

Vai a ſahir, porém o embaraça
Huma voz, aos ouvidos laſtimoſa,
Que lamentando eſtá ſua deſgraça,
Queixando-ſe da ſorte rigoroſa:
Fica ſuſpenſo, ſem ſaber que faça;
Té que movido da paixaõ forçoſa,
Com veloz movimento ſe encaminha;
Para a parte onde o éco triſte vinha.

E chegando já perto vê ſentado
A' ſombra d'alto Freixo corpolento,
Hum Paſtor com ſemblante magoado,
Lagrimas derramando cento a cento.
Mas vendo Melibeo fica paſmado,
Sem poder disfarçar o ſentimento
E com modo cortez quer retirar-ſe,
Para que a ſua pena mais disfarce.

Suſpende-te, Paſtor, (lhe diz o velho)
Naõ me queiras deixar confuſo, e triſte,
Olha que ás vezes hum ſagaz conſelho,
Faz retirar a mágoa que preſiſte:
Hũs dos outros nós ſomos proprio eſpelho;
Naõ julgues que o mal ſó em ti exiſte,
Pois ſe agora te vês em triſte eſtado,
Ainda outro haverá mais deſgraçado.

Naõ te entregues de todo á paixaõ cega;
Lança fóra de ti eſſa triſteza,
E que tenhas motivo naõ ſe nega,
Pois de ſenſivel tens a natureza:
Comigo vem, Paſtor, ſim: e ſocega;
Paſſarás tua vida com largueza,
Naõ receis já agora o tempo avaro,
Quando prompto me tens em teu amparo.

Tudo quanto me dizes agradeço,
(Lhe reſponde o Paſtor com voz cançada)
Pois teu ſincero animo conheço;

Porém trago minha alma acoſtumada
A' mais negra, e cruel melancolia,
Em contemplar na vida já paſſada.

Do meu roſto perdi toda álegria;
E do que fui eſtou taõ demudado,
Quanto difere o ſer da noite ao dia.

E pois que aſſim me vês em triſte eſtado;
Naõ me embaraces, deixa-me ir ſeguindo
O caminho, que ordena o duro fado,
Deixa-me as minhas penas ir ſentindo.

Sim, Paſtor, mas primeiro has de eſcutar,
(Diz o velho) que fallo com lizura,
Que póde ſer te poſſa aproveitar,
E mude tua ſorte de figura.
He certo, que naõ pódes duvidar
Do mundo a duraçaõ pouco ſegura;
Porque ſe hoje nos moſtra alegre o roſto;
A' manhã já nos dá grande deſgoſto.

Vi ſ

Olha, repara bem, vê como o Tejo
Agora eſtá ſereno, e ſocegado;
Pois quantas vezes eu daqui o vejo,
Até ás proprias nuvens levantado?
Que tu te precipites naõ deſejo,
Naõ te queiras fazer mais deſgraçado;
Torna ati, e repara que ninguem,
Póde ter por ſeguro mal, nem bem.

Aſſim, diſſipa já eſſe deſgoſto,
Que andar te faz afflicto, e deſcontente;
A'legria ſe veja no teu roſto,
Se até'gora a triſteza foi patente:
De que venhas comigo tenho goſto,
Serei para ſervir-te diligente.
Em mim naõ acharás ſómente amigo,
Mas ſim, como de Pai, o proprio abrigo.

Fizeraõ tal aballo no meu peito
(Diz Lereno) eſſas tuas rogativas,
Que me obrigaõ ſeguir o teu perceito.

Só com tuas palavras me captivas,
E aſſim faz-ſe forçoſo acompanhar-te,
Por devertir as mágoas taõ activas.

Quero tambem meu mal communicarte;
E ſaberás a triſte deſventura,
Que tenho padecido em toda a parte.

E pois já ſe aveſinha a ſombra eſcura;
He juſto, ſe te apraz, vamos andando,
Em quanto alguma claridade dura.

Já o gado aos curraes vai caminhando;
Os Roupeiros as portas vaõ abrindo,
Cuidados, que me eſtáõ ſempre lembrãdo;
Vamos pouco a pouco divertindo.

E em quanto os mais Paſtores vaõ o gado
Metendo pouco a pouco nos curraes,
Te enformarei do meu terrivel fado,
Das minhas deſventuras ſem iguaes.

Tambem quero meu nome declarar-te;
Eu Lereno me chamo, a Patria minha
Fica do claro Tejo á outra parte.

Foi a ſorte comigo taõ meſquinha;
Que logo me privou na tenra idade
Daquelle abrigo, que nos Pais eu tinha.

Em

Em fim, a dura Parca ſem piedade
As vidas lhes tirou, ſem attender
A quanto fica expoſta a mocidade.

Aqui começo agora a padecer,
O'rfaõ deſamparado, e ſem abrigo;
Até que mais idade vim a ter.

Entaõ ſem conſiderar nenhum perigo;
Ao amor me entreguei, ſem ter lembrança;
Que he no mundo o mais perfido inimigo.

Ah! deſgraçado aquelle, que ſe cança
Em finezas fazer, moſtrar paixaõ,
Para ſentir depois huma mudança.

Aſſim Marina ingrata ſem razaõ;
Proteſtando-me tanta lealdade,
Me deixou por Franſino (oh! vil traiçaõ!)

Seguio-ſe logo a eſta falſidade
O morrer-me o melhor do meu rebanho;
Que delle naõ ficou nem ametade.

Neſte da varia ſorte lance eſtranho,
Sem ter gado, lavoura, nem cabana;
Naõ quiz patentear hum mal tamanho.

Quiz buſcar outra terra mais humana,
E ſem lembrança ter do que fazia,
A ſorte vou ſeguindo deshumana.

Porém como a fortuna me fugia;
De nada me valeo mudar de terra,
Que o deſabrido fado me ſeguia.

De gado fui Paſtor lá n'huma ſerra;
Na qual julguei tiveſſe ſubſiſtencia;
Porém torna-me a ſorte a fazer guerra.

Vê, Paſtor, ſe eſta miſera indigencia
Naõ baſtava a tirar-me a triſte vida,
Faltando-me do Ceo a sã clemencia!

Ora attende (pois inda he mais creſcida)
Que me falta contar o que paſſei
Com huma ingrata, que me foi fingida.

Co-

Como digo, por terras mil andei,
Até que fui parar a hum povoado,
Aonde por Paſtor me aſſoldadei.

Era, quem eu ſervia, hũ velho honrado;
Dos mais ricos daquella viſinhança,
E por iſſo de muitos eſtimado.

Tinha hũa filha (oh! cruel lembrança!)
Paſtora em tudo bella, e engraçada,
Aſſim ſoubeſſe ter perſeverança.

Moſtrou-ſe em meu favor apaixonada;
Eu lhe rendi o meu amante peito,
Mas naõ me pareceo taõ disfarçada.

Venerava por lei o ſeu perceito,
Naõ podia huma hora eſtar ſem vêlla;
Penſaõ de quem A'mor vive ſugeito.

Empenhei-me, o q̃ pude, em merecella;
De ſorte que entre todos os Paſtores
Se murmurava já de mim, e della.

Publicáraõ-ſe em fim noſſos amores;
Tambem o ſoube o Pai, pois lho diſſeraõ;
Que sẽpre em toda a parte houve traidores.

De meus amantes olhos a eſconderaõ,
Aonde nunca mais a pude vêr,
E os meus finos exceſſos ſe perderaõ.

Quando, paſſado tempo, ouvi dizer,
Que eſtava com Fileno deſpoſada:
Aqui cheguei a pontos de morrer.

Ah! Paſtora cruel! ah! demudada!
(Dizia eu afflicto, ſuſpirando)
Que fizeſte, cruel, á fé jurada?

Porque me andaſte, barbara, enganando
Se me havias faltar taõ de repente?
He eſte o premio de te eſtar amando?

Mas ah! caſtigue o Ceo teu crime ingẽte;
Já que foſte taõ falſa, e taõ perjura
Em fazer o teu crime aſſim patente.

Adeos

Adeos pois, inhumana creatura,
Fica-te em paz, e vive ſocegada,
Qu' eu vou ſeguindo a minha deſventura.

Logo a Aldêa deixei, ſegui a eſtrada,
Pelos montes andei triſte vagando,
Sem ter ſocego eſta alma atribulada.

Até que, largos dias caminhando,
Por força do deſtino vim parar
Aonde tu me viſte eſtar queixando.

Acabei minha hiſtoria de contar:
Agora pódes della colligir,
Se razaõ eu terei de me queixar.

Tenho ouvido, Paſtor, a tua hiſtoria,
(Diz Melibeo) e a ſinto na verdade:
Digna he de que fique na memoria,
Para lembrança da futura idade.
Mas olha que eſta vida he tranſitoria;
E que ha no mundo pouca lealdade;
Pois os que hoje ſe moſtraõ muito amigos;
A' manhã já os vemos inimigos.

E por esta razaõ deves lembrar-te
Quanto tens nessa idade padecido,
Para de hoje em diante pôr de parte
A causa porque tanto tens soffrido.
Naõ queiras do passado recordar-te;
Deixa as memorias d'hum Amor fingido;
Pois basta, para delle teres medo,
Vêr a paga que dá, ou tarde, ou cedo.

E nestes termos pois, Lereno amado,
(Para que vejas quanto te venéro)
Serás o Maioral de todo o gado,
Porque delle o governo dar-te quero.
Eu passarei a vida socegado,
Meus dias acabar comtigo espero,
E chegando o momento derradeiro
Serás de quanto tenho unico herdeiro.

E para mais perderes da lembrança
'As falsidades da Pastora impía,
Se queres castigar sua mudança,
Eu te dou a formosa, a loura Armía.
De que ella queira tenho segurança,
Pois o Pai meus conselhos avalía;
O qual vendo te quero proteger,
Tudo, quanto eu quizer, ha de querer.

Devo em tudo ſeguir quanto ordenares;
(Diz Lereno) mas naõ me digas mais,
Que á lembrança me tornaõ meus pezares.

Tenho cançado o Ceo com ternos ais,
Mudar o meu eſtado naõ intento,
Baſta já de ſentir golpes mortaes.

Nem he juſto quebrar o juramento,
Que fiz de nunca mais amores ter,
Depois que exprimentei hum fingimento.

Cheguei a precipicios de morrer:
Mas, como agora eſtou já ſocegado,
Naõ quero por meu goſto padecer.

E aſſim, hoje attendendo ao meu eſtado,
Deixa-me disfructar com ſegurança
O reſto dos meus dias com teu gado,
Que a roda da fortuna tambem cança.

Pois como (diz o velho) tu naõ queres
Neſta parte ſeguir o que te digo;
Porque conheces o que ſaõ mulheres,
E recêas de novo algum perigo;

Fa-

Faze, prezado amigo, o que quizeres;
Que eu a tua vontade em tudo ſigo;
Para que vejas, que na tenra idade
Encontraſte hum exemplo d'amizade.

IDY-

IDYLIO.

SEntado ao pé da ruſtica choupana;
Onde os dias conſome ſuſpirando
Lereno, entregue á dor féra, e tyranna;
Sobre o peito ſaudoſo as maõs cruzando,
Lançava os olhos pelo prado hervoſo,
Eſtas queixas mortaes aos ventos dando:
« Cruel Marfiza, peito rigoroſo,
Que ſem piedade de meus écos triſtes,
Triunfas com aſpecto deſdenhoſo:
He poſſivel, oh falſa! que perſiſtes
Immovel a meus triſtes ais ſentidos?
Que a meu conſtante amor dura reſiſtes?
He poſſivel, que cerres os ouvidos
A' fêa mágoa, que chorando expreſſo
Nas garras dos ciûmes deſabridos?
Mas ah! Ninfa gentil, eu bem conheço,
Pelas minhas humildes qualidades,
Que teus altos favores naõ mereço:

Mas

Mas vem ao menos vêr ás ſoledades ,
Onde gemo por ti d'amor desfeito ;
Eſtas , que ſoffro , turbidas ſaudades.
Vem , que em meu apoſento pobre, e. reito
Tenho para brindar-te , Ninfa amada ,
Hum ceſtinho de canas mui perfeito :
Aqui na verde ſelva amaranhada
Colherei os medronhos mais mimoſos ,
Para tos offerecer logo á chegada ;
Subirei aos rochedos cavernoſos ,
A pezar do medonho percipicio ,
Colher os louros favos ſaboroſos ;
E para mais te dar d'amor indicio ,
Perſeguirei no boſque as lindas aves ,
Que ſaõ d'humildes puro ſacrificio ;
Nos remanços do Rio mais ſuaves
Verei ſe prendo nos anzoes farpados
As gordas Trûtas , os mimoſos Sáves.
Porei , Ninfa gentil , os meus cuidados
Em ſervir-te no campo diligente ,
Para vêr ſe mereço os teus agrados.
Porém ah ! onde corro loucamente ?
Se tens , cruel , hum genio taõ vaidoſo ,
Que

Que abandona as finezas mais ſinceras,
Filhas d'hum coraçaõ affectuoſo!
Es mais infame, e perfida, que as féras
Habitadoras deſſe boſque umbroſo;
Pois ouves-me gemer, e naõ te alteras;
Quem te ſurprende os paſſos? Por ventura
Aborrecem-te, ó Ninfa delicada,
Os ſingelos amores da eſpeſſura?
Naõ deſprezes a fé agigantada,
Que ſe anima da tua formoſura,
E vive dos teus olhos namorada.
Dirás, que ſou hum miſero vaqueiro,
Criado na montanha pedragoſa,
De feiçoens torpes, no veſtir groceiro:
Mas ah! Ninfa gentil, és rigoroſa;
Pois deſprezas hum peito verdadeiro,
Fundada na politica orgulhoſa.
Commovaõ-te, meu bem, as fèas mágoas,
Os clamores mortaes, que afflicto exhalo
No ſeio de crueis, ardentes fragoas;
Porém ſe ainda aſſim te naõ abalo,
Corraõ dos olhos triſtes, triſtes aguas
Em quanto a flebil voz reprimo, e calo.

Tem-

Tempo virá, ó Ninfa desabrida;
Que os remorsos fataes da minha morte
Atormentem tu'alma ensurdecida:
Entaõ, nos braços da tristeza fórte,
Gemerás na campina, condoída
Da minha infausta, lamentavel sorte.
Mas assim mesmo tenue sombra escura
(Se Jove isto concede á humanidade)
Teus passos seguirei pela espessura.
Ah! naõ duvides, naõ, desta verdade;
Pois levarei comigo á campa dura
De meu ardente amor a lealdade. „
Assim fallava o misero affligido;
Até que lhe usurpou hum somno brando
C'o as lassas maõs o uso do sentido.

IDY-

IDYLIO.

JA' torna o frio, macilento Inverno
A ſacudir as azas turbulentas
Sobre as verdes, hervoſas ſerranías:
Já rouco ſôa nas torcidas margens
O turvo rio, que até 'gora debil
Mal podia arrojar ſe pela arêa.
Já nas ſelvas as Dryadas mimoſas
Naõ celebraõ com doces cantilenas
Da linda Aurora o claro naſcimento;
E o Lavrador, deixando o curvo arado,
Foge confuſo do rigor dos ventos,
Que, bramando com furia triplicada,
Levaõ diante dos gelados ſôpros
Os robuſtos Carvalhos das montanhas.
Silvio, querido Silvio, deixa os montes
Onde a rija ſaraiva dardejando,
Deſpoja as tenras flores da candura,
Que lhes deo a pompoſa Natureza.

Olha

Olha que os Horiſontes carrancudos
Ameaçaõ os campos ; foge , Silvio ,
Vem a noite paſſar na minha choça ;
Zombaremos do tempo deſabrido ,
Que as pavoroſas ſcenas move , e rege.
Aqui , ſentados á fogueira pobre ,
Gozaremos inſtantes de ſocego ,
Cercados de prazeres innocentes.
= Témos caſtanhas moles, queijos freſcos, =
= E de leite goſtoſo hum tarro cheio , =
Que eu meſmo com as proprias maõs mũgí,
Temos a rôxa eſpuma , que affugenta
Os cuidados da mente fatigada ,
Que mete os rizos com as louras graças
Em feſtivas Corêas , jogos ternos.
Mas ah ! Silvio , naõ vens ? Tu abandonas
A minha grata offerta ? Por ventura
He melhor habitar pelos deſertos ,
Na companhia das hirſurtas féras ,
Que viver no ſocego da cabana ?
Que terrivel ſyſtema tens formado !
Agradaõ-te as confuſas ſerranías ,
Onde continuamente aos ares ſoltas ,

En-

Envolto em férrea dôr, mortaes gemidos?
Mas naõ ponderes, Silvio, que ignorante
Sou na causa do mál, que te atribula:
Conheço os seus symptómas; bem conheço
Que no Templo d'Amor dobrando o cóllo,
Juraste, no medonho altar tremendo,
Perpetua escravidaõ, fé immutavel.
Oh! como incauto andaste, naõ pensando,
Que esse fogo, mantido dentro n'alma,
O mais ligeiro sôpro do futuro
A materia lhe extingue na mudança!
Rasga o véo, que te encobre as santas luzes,
As luzes mostradoras da verdade;
Verás o negro, caviloso engano
Lacerar-te as entranhas furibundo.
Amor he Rei cruel, e os desarranjos
De maõs dadas c'os férvidos ciûmes
Saõ a base terrivel do seu Throno.
Os disgostos, as turbidas desgraças
Saõ os premios, que tem aparelhado
Aos vasallos fieis do seu Imperio.
Ah! pondéra, meu Silvio, hũ pouco attento
Nas minhas expressoens; vê que saõ filhas
D'hum

D'hum coraçaõ cercado d'experiencias ;
Quebra os torcidos laços, que t'opprimem
Os infelices, arrôxados pullos :
Naõ faças os teus dias desgraçados.
Foge, Silvio, dos lúbricos desertos ;
Vem alegrar os candidos amigos,
Que suspiraõ por ti de noite, e dia.

IDY,

IDYLIO.

JA' tinha a fria noite ſobre a terra
O manto deſdobrado, e os pardos Môchos
Pelos hombros das penhas cavernoſas
Graſnavaõ com pavor do valle inteiro;
Zunía o rijo vento na floreſta,
E os lúbricos regatos ſerpentando,
As plantas alagavaõ da eſpeſſura;
Naõ ſe via hum Paſtor pela montanha,
Porque o temor da negra tempeſtade
A todos conduzio para as cabanas;
Só o triſte Lerêno, ſolitario,
Debaixo d'huma lapa humida, e fria,
Eſtas queixas ſoltava aos turvos ares:
« Inconſtante Marfiza, que motivo
Tens para deſprezar a ſingeleza,
Com que ſei adorar teu peito rude?
He poſſivel, oh Ceo! q̃ os meus clamores,
Capazes d'abrandar Leoens Hyrcanos,

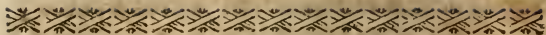
Naõ commovaõ tu'alma empedernida?
Ah! cruel, por ventura amar teu rosto
He crime, que mereça castigado,
Com a pena sevéra de naõ vêr-te?
Que mal te fez, tyranna, hũ puro affectô,
Hum coraçaõ constante, hũ peito grato,
Para ser desta sorte mal tratado?
Acaso esse Pastor, por quem t'inflâmas,
He mais agil do que eu no pobre amanho;
Mais forte lutador, ou na carreira
Vencido me deixou á tua vista?
Porque motivo, dize, em te buscando
Com singélas, e brandas rogativas,
Atalhas, dando as costas mudamente,
Ós puros sentimentos, que te expresso?
Naõ te enternece o vêr-me vagabundo,
De caverna em caverna lagrimando,
Cheio de confusoens, de mágoas cheio?
Naõ te faz compaixaõ vêr o meu gado
Balando pelos montes ao desgarre,
As vides por podar, a choça em terra?
Que te custa, cruel, volvêr piedosa
A mim os lindos olhos bullidores,

Tor-

Tornar-me d'infeliz ditoſo hum dia?
Porém q̃ imploro,oh Ceo! teu peito ingrato
Naõ conhece os effeitos da brandura:
Fazes mofa das mágoas, que rodêaõ
Aquelle, que te entrega enternecido
Nas impias maõs a doce liberdade?
Alegras-te, cruel, ſe vivo triſte,
As lagrimas, que verto confundido,
Saõ para ti objectos de recreio?
Ah! taõ vil coraçaõ, que tens no peito,
Ou foi d'algum rochedo fabricado,
Ou aborto fatal da natureza.
Porém cumpre, Marfiza, as leis do genio,
Que a pezar do rigor, que te domina,
Naõ deſmaia a paixaõ, em que me abrazo.
Quantos ais arrancar do centro affliɛto
Dirigidos iráõ, cruzando os ares,
Eſpirar a teus pés por gloria minha.
Mas ſe diſto te offendes, lindo bem;
Se a minha ſingeleza te amofina,
Refriarei no peito a dôr intenſa,
Companheira fiel dos meus cuidados;
Nos extenſos deſertos penhaſcoſos

Irei gaſtando a vida ſolitario ;
Entregue á negra furia dos meus zêlos.
Taõ pobre viverei, que o mato agreſte
Me ſirva de ſuſtento aos membros laſſos.
Fique a minha courella ao deſamparo:
Em lugar de centeio, inuteis cardos
A ſêcca terra bróte, e os Bois tardíos
Acabem no curral de pura fome.
Mas ah! Ninfa gentil, terás entranhas
De conſentir, que a Parca macilenta
Me ſepare do peito a doce vida,
Que longa deſejo para amar-te?
Verei, oh Ceo! tocar teu alvo roſto
Com torpes maõs, e feia catadura,
O Paſtor mais inerte da montanha?
Hum Paſtor, que naõ ſabe em doce Lyra
Cantar os delicados, puros Verſos,
Que o Semícapro Deos prezava tanto?
Mas aonde me eleva a dôr funeſta!
Ah! loucura fatal, fatal delîrio,
Que me obriga a narrar as minhas mágoas
Aos mudos boſques, aos penhaſcos brôcos!
Deſta ſorte o Paſtor hia expreſſando

Suas

Suas queixas mortaes aos ſoltos ventos,
Até que da fadiga já cançado,
Torna a buſcar o abrigo do colmado.

OLIN-

OLINDO.

EPISTOLA.

OLindo amado, q̃ nas margens verdes,
Por onde paſſa o Vouga murmurando,
Féres a branda Lyra ſocegado;
Ah! poem de parte o inſtrumento d'ouro,
Attende ás triſtes mágoas d'hum Serrano,
Que já nas glorias foi teu companheiro.
Depois, querido amigo, que o deſtino
Me ſeparou da tua companhia,
Já naõ repito aquelles brandos Verſos;
Que fôraõ ſempre inveja dos Paſtores:
Vago, como ſem tino, pelos boſques,
Durmo pelas montanhas, naõ procuro
Aquelle doce abrigo da palhoça,
Que aos mais repara o frio congelado:
Ja naõ cuido nas miſeras ovelhas;
Diſperſas vagaõ pela occulta ſerra,
Expoſtas ao furor dos lobos féros:

Fu-

Fujo da ſociedade precioſa,
Para vivêr nas grutas mais profundas:
A terrivel imagem do deſgoſto,
Batendo as longas, denegridas azas,
Deſdobra ſobre o meu cançado eſp'rito
Do epicundrio humor o véo ſombrio.
Ah! venturoſos, venturoſos dias!
Eſſes dias, que o tempo deſabrido,
Arrojando, levou com maõ traidora,
Quando á ſombra dos álamos copados
Alternamos taes Verſos, que as correntes
Suſpendidas ficavaõ para ouvir-nos!
Alli nas altas pênhas entalhámos
Aquelles doces, adoraveis nomes
Das Paſtoras gentís, a quem rendidos
Tributamos ſinceras vaſalagens.
Mas ah! Olindo meu, que eſta lembrança
Faz no meu coraçaõ maior eſtrago,
Que o Abûtre voraz no infeliz Ticio.
O deſterro cruel, em que me vejo,
He o duro motivo, a cauſa urgente
Deſtas atrozes penas, que ſopporto.
Tu, amigo fiel, que naõ recêas

As

As mudanças crueis do tempo avaro;
Disfructa a ſociedade das Paſtoras,
Goza dos bons amigos a doçura;
Que eu neſta ſerranía alcantilada
Lutarei com as minhas deſventuras;
Em quanto a maõ da ſorte naõ quebrar
A cadêa fatal, que me ſuſtem.

DE-

DESENGANOS A NIZE.

EPISTOLA.

NAõ teimes, Nize, naõ: porque o meu (peito
Ha de ſempre vivêr d'Amor iſento:
A cultura das terras, o rebanho,
Meu tráfego ſeraõ de hoje em diante:
Tranquillo viverei na minha Aldêa;
Tenha Amor quē quizer, renda-lhe cultos,
Queime-lhe incenſos nas cruentas aras,
Dobre em terra o joelho, e reverente
Lhe ſubmeta a cerviz ao jugo inſano;
Que eu delle nada invejo, nada quero.
Largos annos ſervi, bem como eſcravo,
Eſte ſenhor tyranno, eſte perjuro,
Sem ter hum breve inſtante de ſocego;
Mas em premio do meu deſvelo ardente
Só tirei mágoas, ſó tirei deſterros:
E dos ſerviços meus em recompenſa,
A Paſtora cruel, a quem amava,

Da

Da minha desventura rio mil vezes.
Bem sei, Nize gentil, naõ és culpada
Nas traiçoens, que outro peito cõmetteo;
Mas em quanto durar na mente impressa
Esta lembrança, que já mais se apaga,
Com todas as potencias da minha alma
Protesto resistir ao falso Numen.
Andarei para isto prevenido,
Que he o meio melhor de viver livre
Do pezado grilhaõ, da ervada sétta;
E se o meu desengano te afflagélla,
Bella Nize, perdoa... mas naõ posso
Meu peito sujeitar ás leis d'Amor.

SATYRA.

Quicumque amiſit dignitatem priſtinam,
Ignavis etiam jocus eſt in caſu gravi.

Fed. L. 1. Fab. XXI.

CAro, Illuſtre Vieira*, ſe o Deſtino;
Que me obriga a vivêr neſte deſterro,
Quebraſſe o vil grilhaõ, tempo ditoſo
Fôra gozar na tua companhia.
Entaõ, entaõ alegre, e ſatisfeito,
As vélas deferindo á vaga idéa,
Te fizera hum deſênho verdadeiro
Da tyranna ſaudade, que me opprime:
Porém naõ quer a minha deſventura
Conceder-me eſta gloria, ſou forçado
A ſopportar o pezo d'hum capricho.
Conheço muito bem, que os homens todos
Foraõ do meſmo lôdo fabricados;
Mas

* *O Illuſtriſſimo Senhor Antonio Vieira de Mello Tovar e Noronha.*

Mas a fêa Malicia, e o negro Engano
Reduzio a diverſas Jerarchîas
A pobre humanidade, e o leve acaſo
Huns conduzio ao Sólio Mageſtoſo,
Outros lançou no baixo cadafalſo.
Curvado ſobre os livros muitas vezes
Eu vejo, eu vejo, oh Ceos! que variedade!
Eſte em terriveis vicios atolado,
O Direito das gentes maculando
Na ſórdida ambiçaõ, que tem por baſe;
Eſtribar os intereſſes vergonhoſos;
Ouve gemer a miſera orfandade,
E os triſtes, flebeis ais, que ſólta aos ares;
Naõ lhe fazem nas rígidas entranhas
Hum pequeno ſignal de ſentimento.
Aquelle nas venaes genealogias
O doce tempo gaſta, eſquadrinhando
As razoens, que ainda tem de parenteſco
C'os Marquezes de tal, que já morrêraõ.
Outro em curvo lenho d'alta entena
As ſuſurrantes vélas dando ao vento,
Vai demandar os longos, vaſtos climas,
≍ Onde naõ s'atreveo paſſar Trajano: ≍

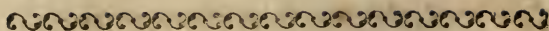
As

As negras tempeſtades, rijas ſyrtes
Naõ lhe géla õ o peito, em que rezide
A gloria da grandeza, ou do capricho.
Oh! mil vezes feliz aquella idade,
Que os miſeros humanos ſatisfeitos,
Atraz dos manſos gados nas montanhas,
Habitavaõ co'a Paz ſerena, e pura!
Os benéficos Deoſes adoravaõ,
Sem que a trompa da guerra enfurecida
Intimaſſe os Decretos da vaidade.
Naõ moviaõ queſtoẽs, naõ lhe importava
Que o Sol immovel foſſe, a terra andaſſe;
Nem dos fogos electricos a cauſa,
A materia, que os fórma; donde naſce
A pedra, que do Pólo as Urſas frias
Com intrinſeco amor attenta buſca;
Porque os Pretos a nós tanto differem,
Sendo filhos de Adaõ, como nós ſomos,
S'iſto foi accidente, ou ſe a Natura,
Suas leis invertendo, formou nelles
Hum abôrto com paſmo dos humanos.
Mas, deixando eſtes pontos idearios,
Que huma parte da vida me conſomem;

Al-

Allivio quero dar ás tuas queixas.
O Mundo, meu Vieira, eſtá mudado:
Aquelle, que ſe moſtra mais amigo,
Tem ás vezes no peito mais veneno.
Hoje nelle ſó reina o artificio:
A dependencia vil obriga o homem
A violar os dictames da verdade.
O grande adora o grande por ſer grande;
Mas s'elle decair, como acontece,
No tribunal iniquo da Malicia,
Novas cauſas dará para perdêllo.
Naõ te afflijas nos árdidos trabalhos:
Lè no livro do Mundo, nelle aprende
A ſeguir a virtude, amar a Patria.
Qual rochedo no meio do Oceâno,
Seja teu coraçaõ contra as intrigas.
A deſgraça cruel, que nos perſegue,
Achando a noſſa alma prevenida,
Deſmaia nos combates, perde o campo.
Quem tivera mais cedo conhecido
Eſtas nuas verdades, que te aponto!
Aſſim, meu bom Amigo, riſca, riſca
Do penſamento a cauſa rigoroſa,

Que

Que attribulla teus dias florecentes :
E, se queres vingar-te dessa praga,
Afina os seus dictames, zomba delles;
Negando-lhe attençaõ, dando-lhe as costas.
Emprega-te nas Letras fervoroso :
Medita os bons systemas de Cartezio;
Qu'elles fazem feliz hum desditoso.

SATYRA.

Homo doctus in se semper divitias habet.

Fedr. L. 4. F. XXI.

(do,
NAs desordens do Mundo contemplã-
A doce vida gasto, amado Filvio;
Que célebre variedade de succesſos
No confuso Theatro se divisa,
Onde os pobres mortaes alegres gozaõ
Hum'aura popular, que dura pouco!
Este aspira ás grandezas: vaõs fantasmas,
Em torno da cançada fantazia,
Lhe inflãmaõ da soberba as leis austéras;
Pois como a varia sorte lhe concede
Os lisonjeiros bens, que a terra cria,
Atropella os pequenos: naõ se lembra,
Que hum revez da fortuna ás vezes corta
As maquinas, que os homens edificaõ.
Para assombro dos seculos futuros,
A par da sediçaõ corre o malvado:

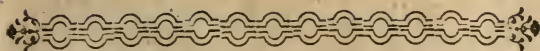
Ini-

Inimigo formal do bem commum,
Todos os vicios, as defordens todas
Abriga dentro n'alma depravada:
Só quando vê pular na terra dura
Das cruentas feridas fangue humano,
Alegre fe lhe vê o roſto infame.
Em terrivel maſmorra afferrolhado
O triſte deſvalído afflicto geme;
Envolto na penuria, e na miferia,
Dos magros pulſos os grilhoens pendentes,
A barba longa, o manto esfarrapado,
As doloroſas ſupplicas pungentes,
Naõ commovem o rígido Miniſtro:
Impávido decide á feia morte.
Eſte adora a virtude, aquelle o crime.
Ah! loucura fatal, triſtes humanos!
Eſcravos das paixoens, paixoens funeſtas,
Abortadas do Averno peſtilente,
Onde as torpes maldades as criáraõ
Aos carquilhoſos peitos macerados,
Para horrivel flagéllo dos viventes!
Oh! quantas vezes a venal mentira,
Dourando as expreſſoẽs, faz vêr ao Mundo

Invertidas as Leis, que o condecoraõ?
Já naõ vive entre nós a ſingeleza
Das primeiras idades. Quantas vezes,
Filoſofando neſte cháos d'enganos,
Invejo de Paſtor o ſimples tracto!
Quem podéra affaſtar-ſe do tumulto,
Do receoſo, e falſo Povoado,
Entretendo os inſtantes ſaboroſos,
Em ouvir na ſerena madrugada
Cantar o matizado paſſarinho,
Ao ſom da liſonjeira fonte pura;
A' noite recolher para a cabana,
Deitar no molle fêno ſocegado,
Sem lembrança das miſeras grandezas;
Veſtir das ſimples pelles dos cordeiros,
Naõ conhecer da moda o vaõ capricho,
Baſe dos vicios, que os humanos preſaõ:
Tratar os homens com ſingélo ſp'rito,
A pezar da politica, e reſerva,
Filha das Côrtes, onde reina a intriga!
Quem o fundo das couſas analyſa
Com ſublime critério, aſſim diſcorre.
Mas ah! meu caro Filvio, em vaõ me canço
Na

Na ordem das idéas, que fabríco:
Corre o tempo veloz, os dias vôaõ,
E as minhas desventuras, sempre firmes,
O terrivel Edicto naõ revogaõ.
Cercado de venaes aduladores,
Qual o triste Democles me contemplo.
Fumegaõ sobre a meza regalada
Exquizitos manjares, de Falerno
Trasborda o bom nos fundos cópos;
E a linda cama de plumagem fôfa
Ao supremo repouso me convida,
Sobre ella os fatigados membos lanço:
Mas quando a grata vista ao técto envío,
Por delgado cabello já pendente
Sobre mim o tremendo alfange vejo.
Ora pensa, meu Filvio, agora pensa
Em tanto desconcerto: vê quem póde
Satisfeito vivêr entre o tumulto?
As viboras lethaes, que a Inveja cinge
Em torno da cabeça encanecida,
Quando as inflãmaõ, soltaõ das entranhas
Hum alito subtil, que se introduz
Nos baixos coraçoens, nas almas futeis:

Se o collo lhe sobmetto ao punho infame,
Criminaõ de fingida esta humildade.
Se na raza campanha me declaro,
Rôta logo a vanguarda, d'improviso
Ao centro correm; qual vôante setta,
Laceraõ, anniquilaõ, tallaõ, pizaõ,
Sem attender aos miseros clamores
Da singéla razaõ, que afflicta brada;
O credito mais bello, a sã verdade
Ataçalhaõ sem dó, a vida exhalaõ.
Terrivel condiçaõ da humana gente!

CAN-

CANTATA PESCATORIA.

FOrmoſa Marfiza,
Inveja do Prado,
A cujo mandado
Amor obedece.

Alegre t'eſpero
Nas prayas ufano,
De verde roſmano
Tecendo capellas.

Na lactea garganta
Te quero enlaçar
Hum lindo collar
De perolas finas.

O concavo buzio
Nos ares troando,
Irá quebrantando
A furia dos ventos.

Ve-

Verás os Delfins
Do fundo ſurgirem;
Suſpenſos ouvirem
A rouca harmonia.

Depois ao ſáveiro,
Ás vélas ſoltando,
Iremos cortando
O pégo azulado.

Os Focas immundos;
Os Tritoens marinos
Teos olhos divinos
Veraõ com eſpanto.

As alvas Nereidas,
As lapas deixando;
Iraõ mergulhando
Em torno do barco.

De pedras fulgentes
Mil fios traráõ,
E tos lançaráõ
No fofo regaço.

Mas

Mas tu abandonas
O trato groceiro
D'hum pobre Barqueiro
Cortado dos ventos !

A meiga Dione
Das ondas nafceo ,
Amor procedeo
Do Reino das aguas.

A's vezes brincando
Nas vagas teimofas ,
As azas mimofas
Travêffo mergulha.

Dirás , que fou pobre ,
Que naõ tenho choça ,
Aonde fe poffa
Fugir á tormenta.

Mas ah ! que t'enganas ,
Pois nefte rochêdo
Confervo em fegredo
Morada feliz.

A maõ da Natura
Aqui fabricou
A gruta, onde vou
As noites paſſar.

O chaõ lhe tapeçaõ
Mil plantas cheiroſas,
De conchas viſtoſas
O técto ſe eſmalta.

E quando adormece
Nas prayas o mar,
As linhas lançar
Vou deſtes penhaſcos.

Nos curvos anzóes
Apanho as Douradas,
Lamprêas pintadas,
Tainhas mimoſas.

Se a vaſta maré
Ao centro recolhe,
No lodo ſe colhe
Goſtoſo mariſco.

Mas

Mas onde me eleva
A minha loucura,
Se naõ tem ventura
Quem ama ſincero ?

Talvez que nos braços
De Fauno travêſſo
Motêjes do exceſſo,
Com que te venero.

AL-

ALFIRA.

CANTATA.

OH! como naſce alegre o Sol dourado!
Como cantaõ alegres, e cadentes
As harmónicas aves pelos galhos
Dos floridos, e verdes arvorêdos!

Alfira formoſa,
Paſtora gentil,
Se queres gozar
Aurora d'Abril,

Apreſſa, meu bem,
Os paſſos mimoſos,
Verás a belleza
Dos campos viſtoſos.

Aqui acharás
Na grata 'ſpeſſura
Perenne agazalho,
Sincera candura.

Ve-

Verás, Paſtora linda, os cordeirinhos
Tozarem pelo prado a fôfa relva,
Sem receio dos lobos carniceiros:
Ouvirás as ſonóras cantillenas,
Que ao ſom das brandas flautas os Paſtores
Alternaõ junto á fonte freſca, e pura.

Alegres te eſperaõ
As verdes campinas,
Com ramalhetinhos
De varias boninas.

As Nayades bellas
Apanhaõ aos pares
Douradas conchinhas
Para tu brincares.

Ozella, na urna
Brilhante encoſtado,
Celebra, cantando,
Teu nome adorado.

Ah! naõ tardes, meu bem, Paſtora amada;
Deixa o féro tumulto caviloſo,

Foge do povoado, corre ao bofque,
Aonde reina a paz fincera, e doce;
Quebra o grilhaõ pezado, que te opprime;
Deixa a turba dos vís aduladores,
Vem gozar a feliz tranquillidade,
Nos carinhofos braços da ventura.

Contentes efpalhaõ
Formofas Serranas
Nevados jafmins,
Longas efpadanas.

Alfira naõ tardes,
Naõ fejas perjura,
E os cofres abertos
Verás da ventura.

Naquelle rofal
Confervo dous ninhos;
Ah! corre, fe queres
Louros paffarinhos.

Impellidos dos álitos fuaves
Dos namoradores Zefiros ligeiros,

Ondêaõ pelos campos aprazíveis
Os proveitoſos dons da loura Cêres;
Aqui as laranjeiras carregadas
Dos amarellos, e cheiroſos pomos,
Saõ da viſta belliſſimo attractivo.
Em fim, Paſtora amada, a Natureza
Neſte ſitio moſtrou deſvanecida
Até onde chegavaõ ſeus podêres;
Aqui ſe guarda illeſa a lei ſagrada
Da candida innocencia; os ſantos votos
Da fiel amizade illeſos vivem;
Os coſtumes ſaõ puros, e ſingélos;
A gratidaõ amavel tem hum thrôno
Em cada coraçaõ, em cada peito:
Ah! corre, vem, Paſtora idolatrada,
Vem fazer a minha alma venturoſa,
Pois ſem a tua amavel companhia
Nada póde no Mundo recrear-me.

O NAUFRAGIO.

CANTATA.

DA triſtonha caverna o Padre E'olo
Soltou os rijos, petulantes ventos;
O Pólo ſe enluctou, e a frôxa Lua,
No denſo véo das nuvens pluvioſas,
Occultou aos mortaes o roſto amavel.

O pobre Palemo
Confuſo navega,
E aos ares entrega
Truncados gemidos.

Freneticas vagas,
A prôa avançando,
Lhe vaõ alagando
O fragil ſáveiro.

Os longos remos fórça affadigado;
Porém debalde, que os tufoens ſoberbos;
Batendo-lhe nas vélas esfarpadas,

A

A vêrga lhe partio pelo meio ;
De novo o Peſcador triſte ſe esfórça,
E o tormentoſo Mar encapellado
Nas eſpaldas das ondas o levava
Tocar os Aſtros, donde os raios chovem.

Das fundas cavernas
Os monſtros fugiaõ,
Boiando ſe viaõ
A' tona das águas.

Nas prayas dezertas
As Aves piavaõ,
Ao longe arrulavaõ
Os roucos trovoens.

Hum ſó Barqueiro pelo Mar naõ via ;
A' diſcriçaõ das vagas carrancudas,
Sem governo do léme, e ſem acôrdo,
Cruzava os ſalſos balançoſos ſêrros ;
Dos encovados olhos lhe pendíaõ
Em borbotoens as lagrimas no roſto ;
Gritava, mas em vaõ, aos altos Numes,
Que

Que a rígida procella lhe domassem.

Ó Deoses supernos
Das aguas Senhores;
Ouví os clamores
Do pobre Palemo.

« Eu morro, dizia,
Nas ondas do Mar;
Pois sinto coalhar
Misero sangue

Prometto-vos, ó Deoses Sacrosantos,
Se me livrais do túrbido Naufragio,
Apenas ferre a praya appetecida,
Erigir-vos, no seio d'huma penha,
Devotas Aras de rosmano puro:
Conheço a pequenhez da minha offerta;
Porém naõ tenho mais: os Deoses justos
Acceitaõ coraçoens, e naõ grandezas ».

A

A rija tormenta,
A furia dobrando;
Lhe foi contraſtando
As ávidas juntas.

Até que huma onda
Tres vezes o ergueo;
E o barco metteo
No languido ſeio.

OS POMAREIROS.

CANTATA.

JA' ſe aviſta no candido Horizônte,
Por entre as alvas, ſocegadas nuvens,
A deſgrenhada, e ſomnolenta Aurora,
Co' as melindroſas maõs de neve pura
Abrir a cryſtalina porta ao dia;
E o Colôno, tangendo os bois tardíos;
Procurar na montanha o brando fêno.

Auliro, ſe queres
Crinaura brindar;
Tem fructa o Pomar
De mil qualidades.

Eu ſubo: colhamos
Os figos rachados;
E os pomos cercados
De loura penûge.

Na cabana conſervo dous ceſtinhos
De

De entretecida vêrga de mil côres,
Que Jonio me deo, Serrano habil:
Auliro, Auliro corre, vai buſcallos;
Levaremos á Ninfa delicada
Eſte humilde penhôr, demonſtrativo
Da noſſa eſcravidaõ, do noſſo affecto.

Pendentes eſtaõ
Dos pâmpanos baixos,
Os rúbidos cachos
Ainda orvalhados.

Mimoſas Româs,
Córadas Serêjas;
E quanto deſejas
Aqui acharás.

Auliro, Auliro vai buſcar os cêſtos;
Naõ te demores mais, ó Pomareiro;
Olha que o Sol os raios já dardeja,
E os lindos Rouxinóes ao dezafio,
Pelos ramos dos verdes Limoeiros,
Alternaõ brandamente os ſeus Amores.

Tudo quanto reaníma a Natureza ;
Inſpira nos mortaes contentamento.

Agora colhamos ;
Nas relvas mimoſas :
As Flôres cheiroſas.
Que o tempo agriculta.

Em torno dos Pomos
As folhas lancemos,
Auliro, levemos
A candida offerta.

Crinaura he Tutelar deſtas Aldêas;
Tem hum'alma ſublime, naõ deſpreza
As pequenas tençoens, que lhe conſagra
Nas aras do reſpeito a ſingeleza.
Animo, Auliro, vamos confiados
No grande coraçaõ da Ninfa excelſa.

CANTATA

DITHYRAMBICA.

VOêmos, Musa, ao crystalino assento;
Aonde habita o Numen da Poesia,
Que os dons infunde nos mortaes vaidosos,
Dignos d'emprezas, só por elle grandes.

O globo da terra,
Ó Musa, deixemos;
Alegres toquemos
O Reino de Phébo.

Naõ tragas á mente
Os vaõs precipicios;
Pois temos propicios
Os vastos agouros.

Mas ah! tem maõ: primeiro dá-me a Lyra;
A Lyra, que me deo Marilia bella;
E o Pai dos Vates ouvirá benigno
Meus ternos votos, bafejando as cordas;

Em

Em quanto a negra, deſcarnada Inveja
Frenética delira, as maõs mordendo.

Agora prepára
Os cópos luſtroſos,
C'os dons precioſos,
Que o Douro produz.

Rizonhos bebamos
O quente Elixir,
Que faz confundir
As férvidas mágoas.

Oh! que bem que elle ſabe, Santo Numen!
Já nas vêas me calla hum fogo vivo:
Dos ares deſcem Cupidinhos gratos:
Travêſſos Genios, brincadoras Graças,
Em torno deſtes Freixos corpolentos,
O nome de Marilia alegres cantaõ.
Mil caprípedes Faunos cabelludos,
Rompendo as Selvas co'as fendidas patas,
Nos valles fórmaõ feſtivaes Chorêas.

Eu

Eu quero mais Bromio,
Ó Muſa, naõ tardes,
Que tornas cobardes
As minhas idéas.

Ó Padre Lieo
De novo te invóco,
Lá vai outro cópo
De rúbido moſto.

Porém que he iſto? Fervem os conceitos
Sobre o quadro da mente vagabunda,
Mil chuveiros de luzes á porfia
Avivaõ de Marilia os dotes bellos.
He tempo, ó Muſa, eu pulſo a Lyra;
E tu, ó Ninfa de meus Verſos digna,
Inveja das mais Ninfas deſtes boſques,
Attenta eſcuta, nos meus Hymnos gratos,
Soár teu nome, tuas graças puras.
Tu és mais linda, do que a meſma Venus,
Nos teus divinos olhos ſcintilantes
Habita o Deos, a quem adora Paphos.
A ſábia, providente Natureza

No

No teu roſto formou de leite, e roſas
A obra mais mimoſa, e mais completa;
Que na face da terra os mortaes víraõ.

Na boca mimoſa,
Theſouro das Graças;
As vozes traſpaſſas
De pura meiguice.

E quando deſprendes
Hum leve ſorriſo,
Com elle deviſo
O Mundo enleado.

Pelo mimoſo collo de alabaſtro
Deſvanecidos, férvidos deſejos
Ouſados correm a tocar teu roſto;
Que o rûbro pêjo vigilando guarda.
Porém que he iſto? Já do peito laxo
Huma nuvem de fumo ao ar ſubindo;
A cabeça me fere: eu já deſmaio...
A terra ſe deſvia... os montes dançaõ...
Eu cambaleio.. eu caio.. Ceos! q̃ he iſto?
Muſa, ſuſtem-me o braço, Evoê, Marilia.

MO-

MOTE.

Peguei nos grilhoens d'Amor;
Quiz arrastallos, naõ pude.

GLOZA.

FOrçado por hum traidor,
Vil Ministro de Cupido,
Entrei no Templo de Gnido,
Peguei nos grilhoens d'Amor.
Justo Ceo! com que pavôr
Carreguei o pezo rude!
Mas, sem faltar á virtude,
Inclinando á terra o rosto,
Obrigado, e naõ por gosto,
Quiz arrastallos, naõ pude.

MOTE.

Se queres vêr minha dôr,
Vê meu roſto magoado.

GLOZA.

TOma, ingrata, hum paſſadôr,
E com a nevada maõ
Raſga-me eſte coraçaõ,
Se queres vêr minha dôr:
Se te cauſar iſto horrôr,
Vira o roſto para o lado;
Aponta o ferro amolado,
Naõ temas ſer homicida;
Mas antes que exhale a vida,
Vê meu roſto magoado.

MO-

MOTE.

Eu chorando, e tu contente:
Tu feliz, eu desgraçado.

GLOZA.

ESsa desgraça potente,
Para me ser mais ferína,
Conserva-nos na campína,
Eu chorando, e tu contente:
Tu cantando alegremente
Vais atraz do pobre gado;
Eu suspirando magoado
Ando sempre a toda a hora;
Assim vivêmos, Pastora,
Tu feliz, eu desgraçado.

MOTE.

Trago dentro no meu peito
A cauſa do meu tormento.

GLOZA.

Vivo, ó Marcia, taõ ſujeito
A's prizoens do Deos vendado,
Que eſſe teu roſto eſtampado
Trago dentro em meu peito.
Co'mais profundo reſpeito
Amo taõ raro portento;
Mas ſó tenho hum ſentimento,
Lindo bem, que relatar-te,
Que he naõ podêr expreſſar-te
A cauſa do meu tormento.

MO-

MOTE.

Premiar os teus desvélos
Deve hum coraçaõ amante.

GLOZA.

PAra que he com falsos zêlos
Maltratar meu peito agora?
Quando vês a toda a hora
Premiar os teus desvélos?
Se julgas naõ sei mer'cellos;
Fórmas hum projecto errante;
Pois te adoro taõ constante,
Com tanta fidelidade,
Quanto na realidade
Deve hum coraçaõ amante.

MOTE.

Eu 'ſtou mal com meu amor;
Triſte de mim, que farei!

GLOZA.

POr vêr que me foi traidor,
E violou meu puro trato,
Dei-lhe baixa por ingrato,
Eu 'ſtou mal com meu amor.
A Raiva, a Ira, o Furor,
Contra ſeu peito arrojei;
Ao meſmo Ceo implorei
O deſpojaſſe da vida,
Porém hoje arrependida
Triſte de mim, que farei!

MO-

M O T E.

Se te fôr falſo algum dia.

G L O Z A.

EU me veja deſterrado
No meio da Lybia ardente,
Olhando continuamente
Para traz ſempre aſſuſtado:
Paſſe a vida amargurado,
Lá na mata mais ſombría,
E p'ra maior agonía,
Os Aſtros, ô Mar, a Terra,
Contra mim declarem guerra,
Se te fôr falſo algum dia.

Ao mesmo.

PResistindo em te querer
Irei com animo forte,
Até mesmo além da morte,
Se acaso isto póde ser:
Illesa sempre has de vêr
No meu peito a idolatría;
Aliás a terra fria,
Abrindo huma boca ingente;
Me subverta de repente,
Se te fôr falso algum dia.

Ao mesmo.

SIm, Marfiza, s'eu faltar
D'Amor á sagrada jura,
Nunca chegue a ter ventura
Naquillo, que desejar:
E para maior pezar,
Para mais dura agonía,
De medonha penedía
Me veja precipitado;
Té me falte o Ceo Sagrado;
Se te fôr falso algum dia.

MOTE.

Zêlos, paixaõ, e amor.

GLOZA.

D'Arco, e aljava adornado,
Os mimoſos hombros nús,
Pelo boſque ſe introdúz
O pequeno Deos vendado:
Alli com animo ouſado
Fére a Ninfa, e o Paſtor;
Eu, que de longe ào traidor
Os farpoens vi diſparar,
Fugi-lhe por evitar
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

ENtaõ, as azas forçando,
Corta alegre os limpos áres,
E as duras settas aos pares,
Por elles correm sib'lando:
Eu, o golpe receando,
Lhe bradei: Tem maõ, traidor!
Ah! naõ vingues teu furor,
Aplaca o voraz effeito,
Naõ me introduzas no peito
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

ENtra no meu templo horrendo,
(Me diz elle) perto estás,
Onde na Pyra verás,
Mortaes coraçoens fervendo;
O meu Edicto tremendo
Naõ revóga algum senhor;
Esta aljava, este furor
Fulmina cançados ais,
Repartindo entre os mortais,
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

E Stes triunfos ufanos
Com o meu podêr abono,
Pois fundei o Regio Throno
Sobre os coraçoens humanos.
Mil grilhoens pendem tyrannos
Do meu altar superior:
Para aterrar meu furor
Os homens naõ teráõ arte;
Pois semeio em toda a parte
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

J Unto a meu Throno encurvado,
Com mil lagrimas devotas,
Offerece as entranhas rôtas
O Monarcha sublimado:
Géme o Cidadaõ honrado,
Suspira o pobre Pastor;
A Dama com vivo ardôr
Entra afflicta lamentando,
Todos supportaõ, clamando
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao

Ao meſmo.

SE o mortal na ſolidaõ
Quer evitar os meus tiros,
Penſa mal, que nos retiros
Tambem labóra a paixaõ.
Triſtes gemidos em vaõ
Sólta o miſero amador,
E quando o meu paſſador
Rebate por termos tais,
Entaõ lhe introduzo mais
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao meſmo.

AS crueis paixoens ardentes;
Que os humanos experimentaõ,
Muitas vezes ſe fumentaõ
Entre brincos innocentes.
Rijas ſettas eſtridentes
Sôlto com voraz ardor;
Corre o ſangue com furor
Da ferida eſpadanando,
Por ella entraõ brincando
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

MOrtaes, da vossa fraqueza
Me quizéra condoer,
Mas naõ sei contrafazer
A fogosa Natureza.
Trago o Mundo nesta emprêza
Todo apôs o meu rigôr:
O meu fogo abrazadôr,
Pelos áres sibilando,
Nas faiscas vai levando
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

HUma faisca pequena
Destes meus fógos aérios,
Produzindo vitupérios,
Mil Monarchas desordena.
Os póvos sentem a pena
Do meu genio turbadôr:
Revestem-se de furôr,
Correm á campanha horrivel;
Onde lhe fórmo insensivel
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao meſmo.

OUvindo eſtive aſſuſtado
O que o cégo Deos dizia,
E o quente ſangue ſe esfria,
Nas vêas fica parado.
Ergo o roſto deſcorado,
Já naõ vêjo o vil traidor;
No mago boſque hum rumôr,
Eis-que de longe troava,
Em cuja voz ſe eſcutava
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao meſmo.

DE cadêas circulado,
A mil opprobrios oppoſto,
De Marilia ao lindo roſto
Logo fui aprezentado.
Com ſemblante carregado
Me diz o meu conductôr:
Mortal, modéra o pavôr,
Ama da Ninfa a pureza;
Mas vê que dá a belleza
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

ENvolto nesta afflicçaõ,
Quiz-lhe humilde as maõs beijar;
Porém indo-me encurvar,
Cahio por terra o grilhaõ.
Estremece a Ninfa entaõ
C'o desabrido fragôr;
Perde a linda, amavel côr,
Que mil sustos lhe usurpáraõ,
E no peito lhe puláraõ
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

EIs-que do peito innocente
Vou hum suspiro arrancando,
Que, as tristes azas fechando,
Morre no ár de repente.
Mas a Ninfa, que já sente
No transporte algum vigôr,
Volta o rosto vencedôr
A meus olhos desgraçados,
E nelles vê maniatados,
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao

Ao meſmo.

AH! penſei, que nas Aldêas;
Na pobreza das choupanas,
Naõ reteniaõ tyrannas,
Pezadas, longas cadêas.
Que o Deos de Cytéra as vêas
Naõ feria do Paſtor,
Que o dourado paſſador
Só ás Côrtes elevava,
Que ſó alli conſpirava
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao meſmo.

QUe emporta na ſoledade,
Naõ temêr d'Amor conquiſta,
S'inda a mais ſingéla viſta
Nos captiva a liberdade.
Céde ao podêr da beldade
O repugnante valôr,
Nenhum vivente he ſenhor
De quartar as leis á pena,
Quando a Natureza ordena
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

TRiste, afflicta humanidade;
Que a torpes paixoens sujeita,
Segues a barbara seita
D'huma infame Divindade!
Ah! destróça sem piedade
O vil grilhaõ troadôr;
Sôlte o falso, vil senhor
Ardentissimos gemidos,
Môrraõ por terra abatidos,
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao mesmo.

TEnde, Pastores, cautéla,
Escondei o peito ás settas,
Que todas vôaõ directas
Onde a liberdade anhéla.
O Deos fingido atropella
Dos coraçoens o valôr:
O desprezo, a raivá, a dôr
Cobre co'véo dos enganos:
Ah! temei, pobres humanos,
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao meſmo.

ESte Numen com preſteza
Enſina os mortaes a amár,
E depois de os enſinar,
Crimína ſua fraqueza.
Introduz-lhe com fereza
No peito vivo calôr:
Com hum grilhaõ rugidôr,
Por duplicar mais os damnos,
Prende os coraçoens humanos,
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao meſmo.

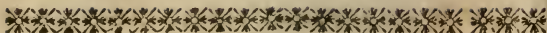
JÓve, que no Orbe luzido
Tem ſoberba poteſtade,
Sopportou com igualdade
Enganos. do Deos Cupido.
Atreveo-ſe eſte fingido
Ao meſmo Pai com rigôr:
Semeou, como traidor,
Nelle o ſeu veneno inſano;
Pois tambem ſentio Vulcano,
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao meſmo.

POrém cerre o vil tyranno
Os ouvidos a meu rôgo,
Com deſprezos, raiva, fogo,
Me atormente deshumano.
Soffra as leis do proprio damno
Eſte miſero Paſtor,
As garras, a ferrea dôr
Me crave no peito exangue,
Corraõ envoltos no ſangue
Zêlos, paixaõ, e amor.

Ao meſmo.

QUem adóra apaixonado
Huma Paſtora gentil,
Dá ſuſpiros mil a mil,
Quer na aldêa, quer no prado.
Anda ſempre allucinado,
Penſando na ſua dôr:
Deſconfia com ardôr
Dos prazeres, que ſe altéraõ;
As meſmas ſombras lhe géraõ
Zêlos, paixaõ, e amor.

CAN-

CANTIGAS.

IMpunha o ferro encurvado,
Naõ te queiras demorar:
Vem a meus dias pôr termo,
O' morte, vem-me matar.

Eu ſinto deſordenado
O coraçaõ palpitar:
A téſta vai-ſe enrugando,
O' morte, vem-me matar.

O ſangue nas longas vêas
Já naõ póde circular:
Deſcompoêm-ſe a Natureza,
O' morte, vem-me matar.

Ah! naõ vás do Regio Thrôno
O Monarcha derribar:
Inclina-te aos meus gemidos,
O' morte, vem-me matar.

Eſte

Eſte póde a egregia patria
Com mil Leis utilizar:
Deixa-o fazer venturoſos;
O' morte, vem-me matar.

Naõ queiras qu'hum vil ciúme
Te venha o louro arrancar:
Corre, apreſſa os pés mirrados;
O' morte, vem-me matar.

Faze pois que a dura campa
Vá hum triſte povoar:
Ponhamos termo ás deſditas;
O' morte, vem-me matar.

Ao erguer do ferro curvo
Naõ me verás deſmaiar:
Dobrarei goſtoſo o collo;
O' morte, vem-me matar.

Hum ſuſpiro taõ-ſómente
Te proteſto naõ ſoltar:
Goſtoſo irei aos Elyzios;
O' morte, vem-me matar.

Vê que a todos os inſtantes
Ando por ti a bradar:
Sê-me hum dia favoravel;
O' morte, vem-me matar.

Se á viſta dos meus rivaes
Hei de com zêlos luctar;
Córta o fio dos meus dias;
O' morte, vem-me matar.

Ah! naõ cerres os ouvidos
A's vozes do meu pezar:
Sáhe do reino da agonia,
O' morte, vem-me matar.

Para vêr ſe te enfureço
Te quero deſafiar:
Vem infame, vem cruel;
O' morte, vem-me matar.

Sei que hum troféo limitado
Te naõ póde conſolar:
Porém cerra a iſto os olhos;
O' morte; vem-me matar.

Naõ

Naõ vás o pupîllo tenro
A' cára mãi uſurpar:
Vôa a quem por ti ſuſpira,
O' morte, vem-me matar.

Se os deſprezos de Marfiza
Hei de afflicto ſopportar,
Tira-me da terra opáca,
O' morte, vem-me matar.

Olha, que a tua demora
Chego afflicto a condemnar:
Naõ me attendes? Tu naõ vens?
O' morte, vem-me matar.

Acaſo tens do meu bem
Niſſo empenho ſingular?
Cerra-lhe, morte, os ouvidos,
O' morte, vem-me matar.

Ella quer que eu meſmo a veja
Da minha dôr caprichar:
Naõ ſe lhe faça a vontade,
O' morte, vem-me matar.

Veja a pérfida mudavel
O meu corpo lacerar;
Corra o ſangue á ſua viſta;
O' morte, vem-me matar.

Mas a triſte ſombra errante
Junto a ella ha de vagar:
Neſta certeza naõ temo,
O' morte, vem-me matar.

CANTIGAS.

LOgo apenas vi, Marilia,
O teu roſto alvi-roſado,
No peito ſenti creſcer
A cauſa do meu cuidado.

Os meus amantes ſuſpiros
Todos tem a ti voado;
Nas triſtes azas levando
A cauſa do meu cuidado.

Aos

Aos paſſarinhos enſino
Teu lindo nome adorado;
Porque ſó delles confio
A cauſa do meu cuidado.

Tenho no meu coraçaõ
O teu nome debuxado;
Alli junto d'elle exiſte
A cauſa do meu cuidado.

Tu pódes fazer feliz
Hum Serrano deſgraçado;
Abrigando no teu peito
A cauſa do meu cuidado.

Já minha terna affeiçaõ
Narrei a teus pés curvado;
Porém naõ te commoveo
A cauſa do meu cuidado.

Nos meſmos grilhoens, q'arraſto;
Tenho meu Amor gravado;
Pois do captiveiro pende
A cauſa do meu cuidado.

Ah! Marilia, tem piedade
De meu peito desgraçado:
Faze hum dia venturosa
A causa do meu cuidado.

CANTIGAS.

NO rigôr desta montanha
Suspiro de noite, e dia:
Perdi a consolação,
Já lá vai minha alegria.

Cóbre-me o coração triste
O véo da melancolia:
Vivo longe dos prazeres,
Já lá vai minha alegria.

A minha alma atribulada
Céde aos golpes d'agonia:
Fere-me o zêlo cruel,
Já lá vai minha alegria.

D'a-

D'amor goſtoſo cantei
  Neſta múda ſerranía :
  Baralhou a ſorte os goſtos,
  Já lá vai minha alegria.

Ao ſom de mortaes gemidos
  Creſce a minha dôr impía :
  Naõ vejo ſenaõ triſtezas,
  Já lá vai minha alegria.

Procuro neſtas montanhas
  Das féras a companhia :
  Horrorizaõ-me os prazeres,
  Ja lá vai minha alegria.

Meus ſuſpiros deſgraçados
  Vaõ tocar na esféra fria :
  Gélaõ-ſe-lhe as azas, morrem;
  Já lá vai minha alegria.

CANTIGAS.

VÓs, ó soberbos Heróes,
Que as Cidades arrazais,
Entre a confusaõ das armas
Ouvireis meus ternos ais.

Vós, ó féras rigorosas,
Que as montanhas povoais;
Nas profundas cavidades
Ouvireis meus ternos ais.

Passarinhos innocentes,
Que os leves áres montais;
Equilibrai-vos sobre as azas,
Ouvireis meus ternos ais.

Vós, que ás lúcidas estrellas
A's vezes vos elevais,
Lá mesmo nessa eminencia
Ouvireis meus ternos ais.

Vós;

Vós, ó mudos nadadôres,
Que as claras aguas cortais;
Chegai-vos á ſuperficie
Ouvireis meus ternos ais.

Vós tambem, Naiades bellas;
Que as correntes habitais,
Erguei as limoſas frontes,
Ouvireis meus ternos ais.

Vós, ó candidos Paſtores,
Que os gados apaſcentais,
Pelos cúmes das montanhas
Ouvireis meus ternos ais.

Cordeirinhos innocentes,
Que a fôfa relva tozais..:
Mas eu morro, vós já naõ
Ouvireis meus ternos ais.

CANÇONETA.

MUſgoſas grutas,
Toſcos rochêdos,
Já meus ſegredos
Naõ ouvireis.
Ay, ay ſoccorro,
Porque eu morro.

Pintadas Aves
Que medulando,
Andais ſaltando
Pelos raminhos.
Ay, ay, &c.

De monte em monte
Dezerto vago,
E a pena trago
Por companhia.
Ay, ay; &c.

Triſ-

Triftes fufpiros
Aos áres folto,
Na pena envolto,
Que m'acompanha.
Ay, ay, &c.

A Parca dura
A fouce erguendo,
Já vem correndo
Para matar-me.
Ay, ay, &c.

Pállidas fombras
O ar toldando,
Vaõ agourando
A minha vida.
Ay, ay, &c.

Nocturnas aves
Piando afflictas,
Minhas defditas
Fazem patentes.
Ay, ay, &c.

Co-

Cobre-ſe o peito
D'hum véo medonho ;
Tudo triſtonho
N'alma diviſo.
Ay , ay , &c.

Ah ! vem , Marfiza ,
Com peito forte ,
Livrar da morte
O teu Lereno.
Ay , ay , &c.

Vem a meus braços ,
Vem , Ninfa bella ,
A minha eſtrella
Fazer ditoſa.
Ay , ay , &c.

CAN-

CANÇONETA.

NAs fundas margens
Deſte regato,
Triſte deſato
Lagrimas frias.

Mil agonias
N'alma pulando,
Vaõ inſpirando
Meus Verſos triſtes.

Mas tu inſiſtes,
Marfiza dura,
Na deſventura,
Que me atropella.

O' ſangue géla,
No coraçaõ
Dura afflicçaõ
Habita, e mora.

Cruel

Cruel Paſtora,
Naõ te atormenta
A dôr, que augmenta
Minha ſaudade?

E's na verdade
Mais deſabrida,
Qu'a infurecida
Tigre d'Hyrcana.

Dize, tyranna,
Porque razaõ
Noſſo grilhaõ
Deſpedaçaſte?

Naõ te lembraſte
Da fé jurada,
Dando a nevada
Maõ em penhôr?

Peito traidor,
Alma perjura,
Aſſim ſe paga
Huma fé pura?

CAN-

CANÇONETA.

SOprando irado,
Magro ciúme,
Aſcende o lume,
Que me devóra.
Ay, ay, que o fogo
Recreſce agora.

Perfida auſencia,
Em meu deſdouro,
Tyranno agouro
Me vatecina.
Ay, ay, que he certa
A minha ruina.

Feros cuidados,
Em bando horrivel,
Quadro temivel
Me eſtaõ moſtrando.
Ay, ay, que a morte
Já vem vôando.

An-

Ancias funeſtas,
Lívidas penas,
A cruas ſcenas
Me deſafiaõ.
Ay, que as eſp'ranças
De todo esfriaõ.

Olha, vê quanto,
Linda Paſtora,
Me cuſta agora
Vivêr diſtante:
Que dôres ſoffre
Meu peito amante.

Oh! praza ao Ceo,
Q'auſencia fêa
Quebre a cadêa,
Que nos ſepara,
Para nutrir-mos
A fé mais rara.

F I M.

PRO-

PROTESTAÇAÕ.

PRotesta o Auctor, que algumas palavras, de que usa, como *Fado*, *Alma*, *Ceo*, *Divindade*, *&c.* saõ meramente tomadas no sentido Poetico, e como taes as offerece á dignissima Censura, sujeitando-se em tudo aos Santos Dogmas da nossa Santa Fé.

IN-

INDEX.

SONETOS.

D'eſ-

N'hum

ODES.

ECLOGAS.

IDYLIOS.

EPISTOLAS.

SATYRAS.

CANTATAS.

MOTES.

CANTIGAS.

CANÇONETAS.

FIM.